



Indicadores Econômicos Conjunturais

- ✓ Brasil
- ✓ Rio Grande do Norte

Balanco 1º semestre de 2017

Cenário Internacional

Crescimento da economia mundial é revisado para cima

Dados revisados do segundo trimestre, consolidam a recuperação da economia mundial. O PIB americano registrou crescimento anualizado de 3,1% no segundo trimestre, depois de avançar 1,2% no primeiro, estimulado pelo aumento no consumo das famílias. (IPEA, Carta de Conjuntura, n. 36). O crescimento da atividade na União Europeia foi de 2,4% no segundo trimestre e 2,3% na Zona do Euro, em ambos os casos, puxado pelas exportações e pelos investimentos (Formação Bruta de Capital Fixo – FBCF). Os principais destaques foram registrados por países do leste, com taxas de crescimento superiores a 5% em relação ao segundo trimestre de 2016: Romênia, Eslovênia e Estônia. É importante registrar que, nas economias desenvolvidas, a inflação continua crescendo abaixo da meta de 2%. (Eurostat, setembro de 2017)

A China repetiu a taxa do primeiro trimestre, de 6,9%; os serviços foram o principal destaque, particularmente, os de Informação e comunicação e de Transporte e armazenagem. O desempenho no primeiro semestre, considerado forte, é atribuído ao relaxamento monetário, com aumento na oferta de crédito às famílias (23,2%). No entanto, os dados já apontam desaceleração dos principais indicadores macroeconômicos no período junho-julho. (FMI. World Economic Outlook, update, July 2017).

A revisão das projeções de crescimento do FMI para 2017, em julho, apontam que a economia mundial deve crescer mais do que em 2016, 3,5% (ante 3,2%). As economias desenvolvidas devem avançar de 1,7% para os 2,0% e as emergentes e em desenvolvimento, de 4,3% para 4,6%. Esses incrementos refletiriam, segundo o FMI, a melhora nos desempenhos, tanto de países importadores como dos grandes exportadores de matérias-primas.

Para os Estados Unidos, o FMI projeta crescimento, em 2017, de 2,1%, o grupo de países da Zona do Euro, 1,7% e a China deverá repetir a taxa de 6,7%. Em relação a América Latina e Caribe, a projeção do PIB é de 1,0%. Peru (2,7%) e Argentina (2,4%) devem puxar o indicador de crescimento da região para cima, enquanto a Venezuela (-12,0%) contribuirá para sua contenção. O crescimento esperado para o Brasil foi revisado de 0,1%, na previsão de abril, para 0,3% na de julho.

Síntese - Cenário Nacional

Desempenho no segundo trimestre e balanço semestral

Embora com menor intensidade, a atividade econômica nacional teve força suficiente para sustentar o crescimento do PIB pelo segundo trimestre seguido e, pelo menos teoricamente, sair da recessão. O aumento do consumo das famílias foi decisivo para manter a atividade no campo positivo. O movimento cadente da inflação já vinha proporcionando uma recomposição no consumo das famílias, favorecendo o comércio de mercadorias. Este ganhou um reforço com o acesso da população aos recursos das contas inativas do FGTS. A renda extra de R\$ 44 bilhões injetada na economia foi usada para saldar dívidas e aumentar as compras. A melhora no acesso ao crédito para pessoa física também favoreceu o consumo.

De acordo com o IBGE, o índice trimestral do PIB registrou alta de 0,2% frente ao trimestre imediatamente anterior, com ajuste sazonal. Em relação ao mesmo trimestre de 2016, o indicador assinalou avanço de 0,3%. Todavia, no acumulado do primeiro semestre ante o mesmo período de 2016, a variação do PIB ficou apenas estável (0,0%), e no acumulado dos últimos 4 trimestres terminados em junho foi negativa (-1,4%). (Detalhes nos gráficos no final da seção).

A variação oficial do PIB, na passagem do primeiro para o segundo trimestre, não desviou significativamente das principais estimativas. As taxas projetadas pelo IBC-Br, do Banco Central e pelo Monitor do PIB, da Fundação Getúlio Vargas situaram o crescimento da atividade entre 0,4% e -0,2%, respectivamente; para o semestre apontaram variações acumuladas de -0,07% e -0,34%, na mesma ordem.

Embora mais modesta em termos de intensidade, a taxa de crescimento do PIB no segundo trimestre (0,2%) foi mais disseminada do que no primeiro (1,0%). No período de janeiro a março, o crescimento foi proporcionado, basicamente, pela Agropecuária (safra agrícola) e, em menor grau, pela Extração mineral (exportações de minério de ferro). Em contrapartida, no trimestre de abril a junho, o avanço foi puxado pelo Comércio (1,9%), Atividades imobiliárias (0,8%), Outros serviços (0,8%), Transporte, armazenagem e correio (0,6%) e as indústrias de Extração mineral (0,4%) e de Transformação (0,1%). O consumo das famílias (ótica da demanda), principal fator a ampliar essa diversificação, cresceu 1,4%, depois de nove trimestres com desempenho negativo (desde o início de 2015).

Síntese - Cenário Nacional

Quanto à indústria, considerado em conjunto, o setor manteve as taxas negativas em todas as bases de comparação consideradas, a saber: -0,5% em relação ao primeiro trimestre, -2,1% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, -1,6% no acumulado do primeiro semestre ante igual período do ano anterior e -2,1% acumulados nos últimos quatro trimestres.

Desdobrando a indústria em seus quatro setores, constata-se que a principal influência para a manutenção do desempenho negativo da indústria vem da Construção, em queda desde o segundo trimestre de 2014 (há 13 trimestres consecutivos na base trimestre/trimestre anterior) e desde 2015, nas demais bases de comparação (anualizada, acumulada no semestre e acumulada). A indústria de Transformação, que também iniciou a contração cíclica no segundo trimestre de 2014, cresceu nos dois primeiros trimestres de 2017 (base trimestre/trimestre anterior) – embora com variação quase nula no segundo - puxada, principalmente pela fabricação de veículos automotores – grande parte destinada ao mercado externo - e de equipamentos de informática e de produtos eletrônicos. No entanto, nas demais bases de comparação, inclusive na semestral, o setor se mantém em queda há 13 trimestres. O setor de Eletricidade, gás e água, em todo o período da recessão (desde 2014), intercalou taxas positivas com negativas; assinalou queda no segundo trimestre de 2017 mas cresceu no primeiro e nos demais períodos de referência. Registre-se que, na base acumulada em quatro trimestres, o setor vem sustentando crescimento continuado, desde o primeiro trimestre de 2016. Finalmente, apenas o PIB da Extração mineral vem crescendo sem interrupção há cinco trimestres consecutivos (desde o segundo trimestre de 2016) e registrou taxas positivas em todas as bases de referência, desde então, graças ao aumento dos embarques de *commodities* minerais ao mercado chinês.

Em síntese, considerando o balanço dos últimos 13 trimestres em que a indústria se encontra em retração relativamente aos 13 trimestres anteriores, tem-se uma queda real acumulada de 6,9% no PIB do conjunto do setor. Nesta base, a indústria de Transformação registra o maior declínio, -13,2%, seguida da Construção, -7,04. Em contrapartida, o segmento de Eletricidade, gás e água ficou estável, 0,03%, enquanto a Extração mineral registra crescimento isolado, de 9,8%.

Apesar dos sinais de saída da recessão, o ponto decisivo da recuperação da atividade econômica pela métrica do PIB não se

Síntese - Cenário Nacional

alterou e diz respeito à permanência dos investimentos em terreno negativo. Representada nas contas nacionais pela Formação Bruta de Capital Fixo, a variável mede o comportamento dos investimentos na Construção civil, em máquinas e equipamentos e em inovação. Como a maior influência no cálculo da FBCF vem da Construção (peso de 60%), esta é praticamente quem vem empurrando o investimento para baixo. O indicador registra variação real acumulada de -15,8% nos últimos 13 trimestres em relação ao período anterior. Cabe, no entanto, ponderar que as taxas de declínio vêm moderando na base anualizada ou seja, -6,5%, -8,6% e -12,5% nos segundos trimestres de 2017, 2016 e 2015 ante iguais trimestres dos respectivos anos anteriores.

O valor do PIB nacional no segundo trimestre, segundo o IBGE, correspondeu a R\$ 1,639 trilhão, somando R\$ 6,445 trilhões nos últimos quatro trimestres, em valores correntes.

Quanto às regiões geográficas, como o IBGE não as inclui na divulgação do cálculo do PIB trimestral, usamos a estimativa da 4E Consultoria para as variações no primeiro e segundo trimestres (trimestre contra trimestre, com ajuste sazonal). Com base na variação oficial de 0,2% do PIB nacional, segundo a 4E Consultoria, apenas a região Nordeste registrou variação negativa (-0,5%) no período de abril a junho. O Norte apresentou o maior crescimento (2,1%), seguido do Sudeste (0,7%), Centro-Oeste (0,6%) e Sul (0,3%).

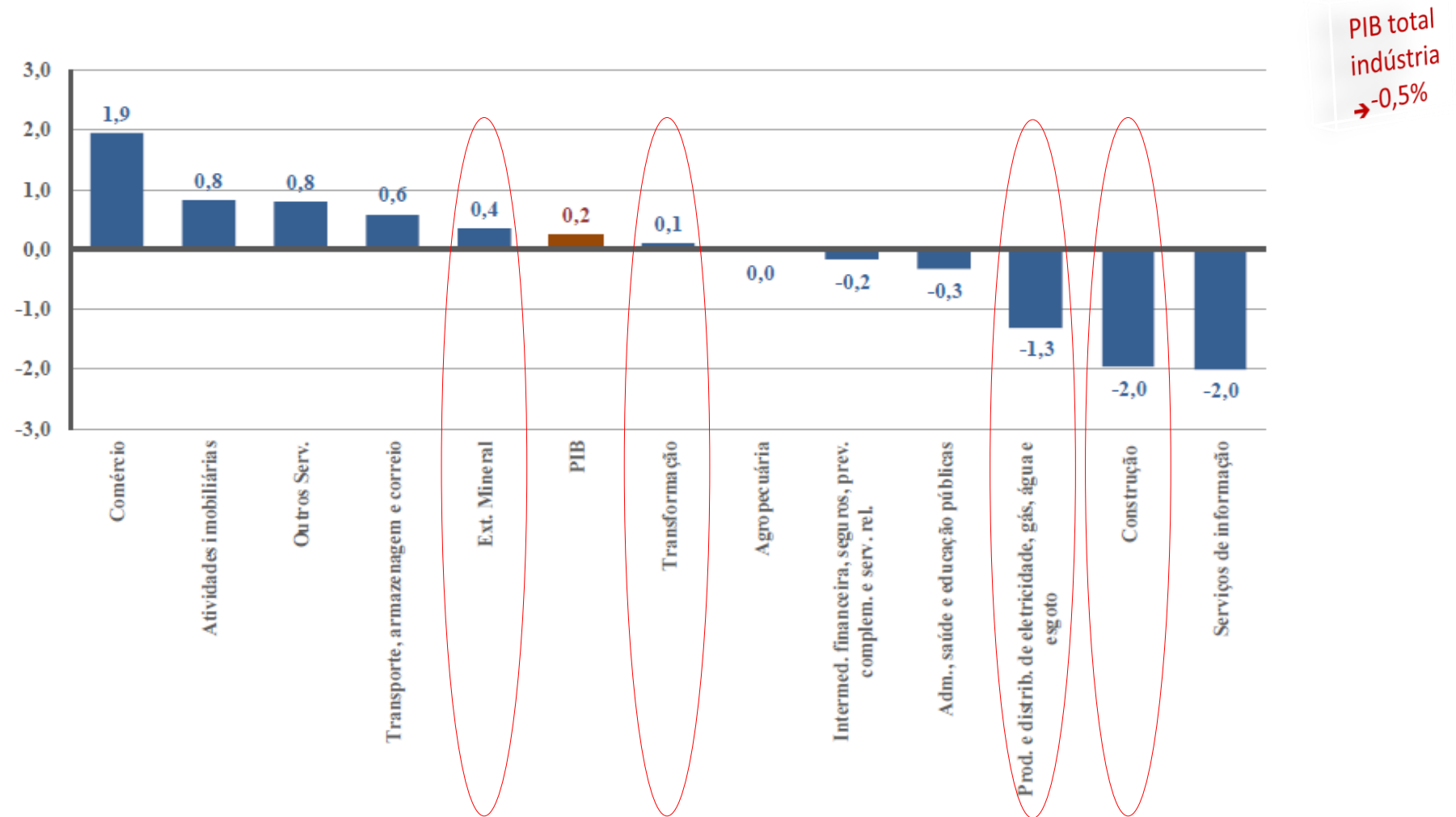
O desempenho negativo isolado do Nordeste é atribuído à retração dos serviços (exceto comércio) no segundo trimestre. Trata-se da única região a apresentar variação negativa da atividade no período. Em contrapartida, o PIB do comércio cresceu em todas as regiões. (Gráfico no final de seção). Ilustração sobre as estimativas das Unidades de Federação encontra-se disponível na seção do Rio Grande do Norte, também projetada pela 4E Consultoria.

No segundo semestre, a economia deve caminhar em ritmo um pouco mais acelerado em relação ao primeiro, em decorrência da alta sazonalidade do período. A recuperação efetiva deve continuar em ritmo lento, puxada pelo consumo, ainda com a ajuda da desaceleração da inflação, do aumento no contingente de empregados e da melhora no crédito para as famílias. Por outro lado, continuarão persistindo os fatores que dificultam a retomada, quais sejam: elevada ociosidade da

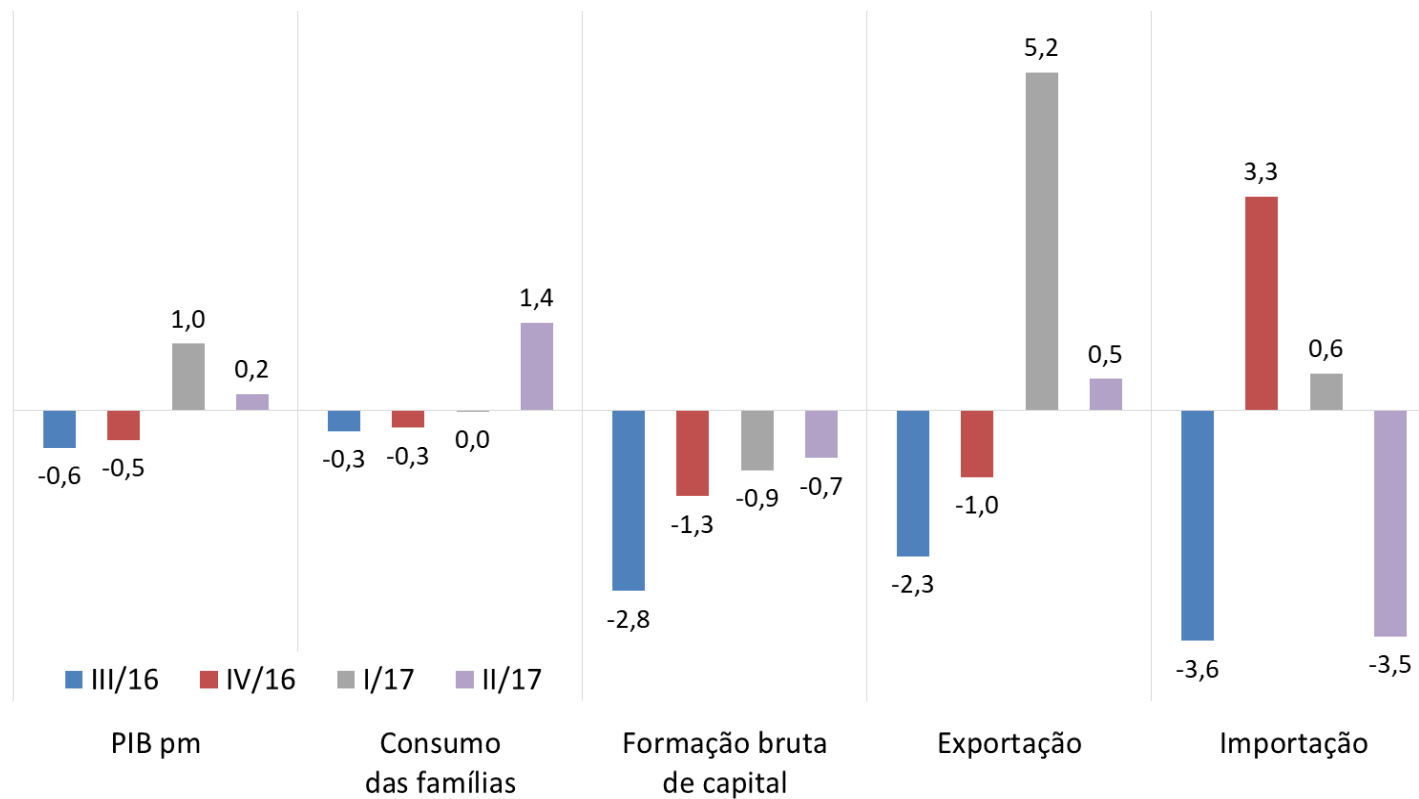
Síntese - Cenário Nacional

indústria, que tende a inibir os investimentos, nível ainda alto do desemprego e redução muito lenta dos juros em relação à queda da inflação.

Brasil - PIB e subsetores (com ajuste sazonal) Taxa (%) do 2º trimestre em relação ao trimestre imediatamente anterior

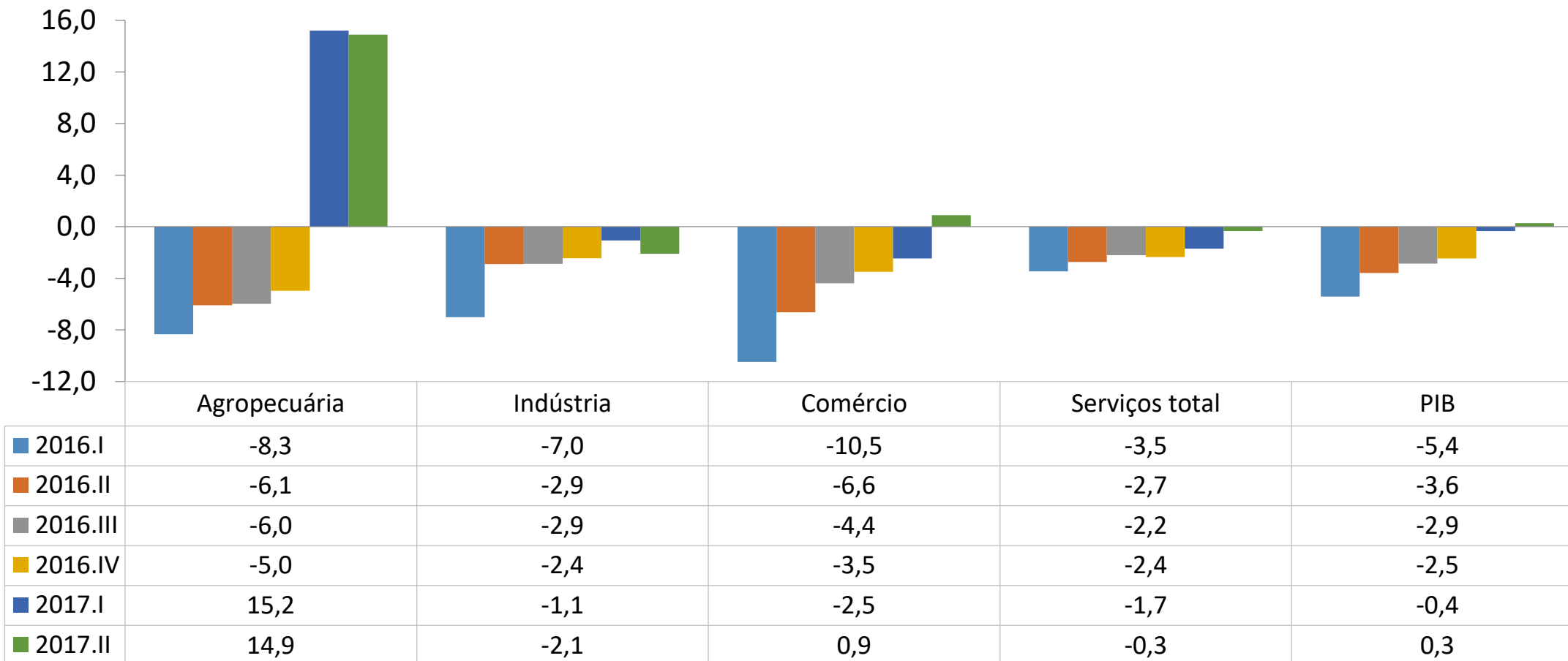


Brasil - PIB – Ótica da demanda (com ajuste sazonal) Taxa (%) do 2º trimestre com relação ao trimestre anterior

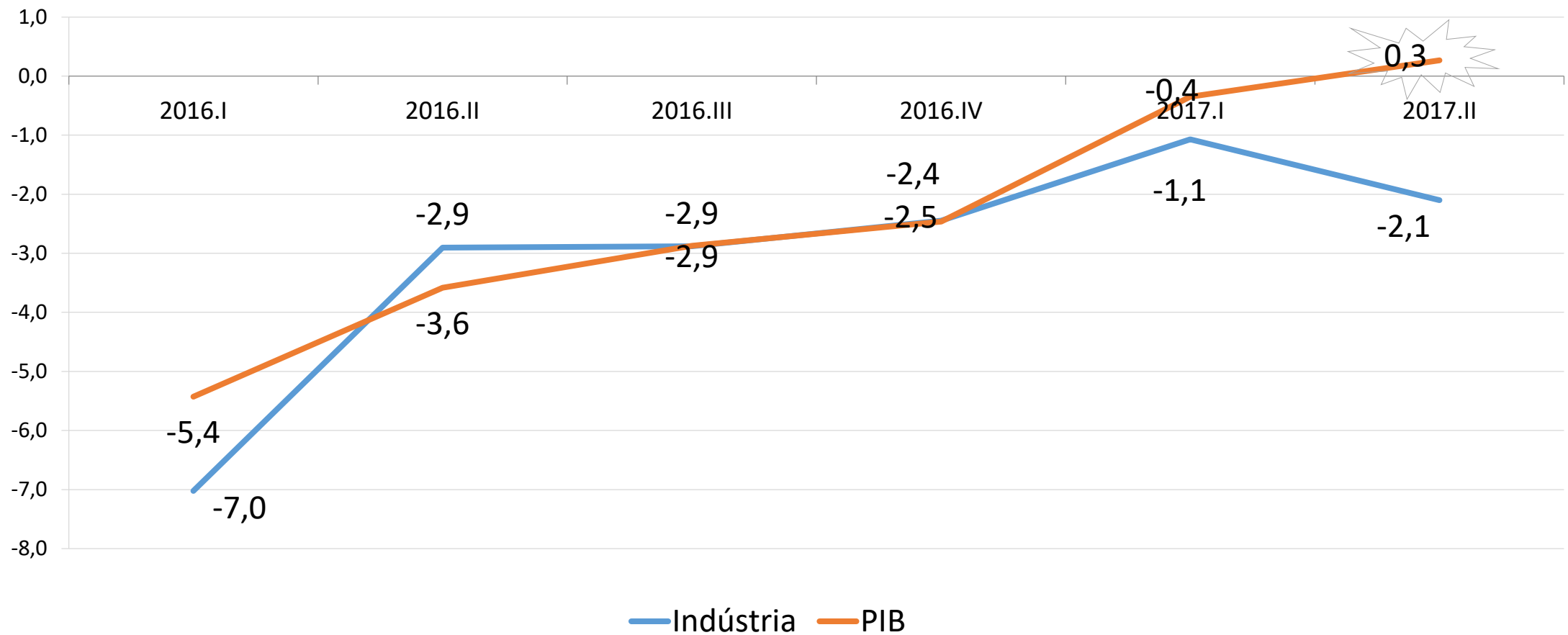


Fonte: IBGE. Elaboração: IEDI

PIB – Variação % no trimestre com relação ao mesmo trimestre do ano anterior



Brasil - PIB 2º Trimestre de 2017 e Total Indústria Variação ante o mesmo trimestre do ano anterior (Em %)



Fonte: IBGE – Contas nacionais trimestrais, abril/junho de 2017. Elaboração FIERN

Brasil e Regiões - PIB (com ajuste sazonal) Taxa (%) do 2º trimestre em relação ao trimestre imediatamente anterior



Indicadores Econômicos

Previsões para 2017

Indicador	CNI (29/08/2017)	Focus (08/09/2017)	4E Consultoria (09/2017)
PIB (variação anual) (%)	0,30	0,60	0,8
Produção Industrial (variação anual) (%)	0,50*	1,10	
IPCA (variação anual) (%)	3,60	3,14	3,20
Taxa de câmbio (R\$/US\$)(fim de ano)	3,30	3,20	3,30
Taxa nominal de juros (SELIC) (fim do ano) (%)	8,00	7,00	7,00
Saldo Comercial (US\$ bilhões)	60,00	61,51	
Saldo em Conta Corrente (US\$ bilhões) (fim de ano)	-19,0	-15,00	

*PIB industrial

Fonte: Banco Central: FOCUS, Mediana Agregado, 8 de setembro de 2017;

CNI: Situação da economia e perspectivas, 29 de agosto de 2017.

4E Consultoria: Radar 4E. Setembro de 2017

Elaboração: FIERN

Inflação - Agosto

A inflação de agosto, medida pelo IPCA, cresceu 0,19% em relação a julho. No período janeiro-agosto de 2017, o índice acumulou variação de 1,62% ante igual período de 2016; nos últimos 12 meses, avançou 2,46%, portanto, abaixo da meta anual de 4,5%.

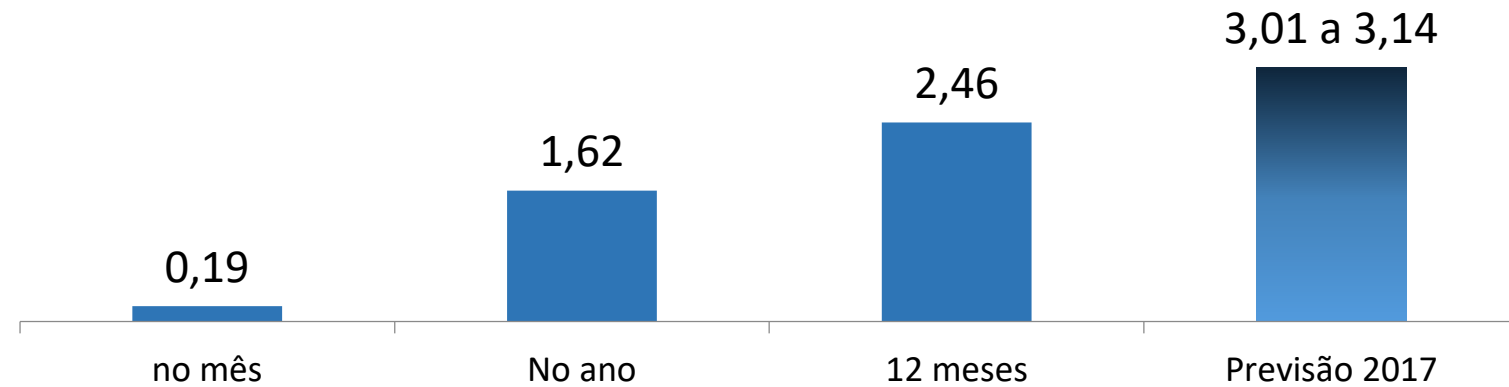
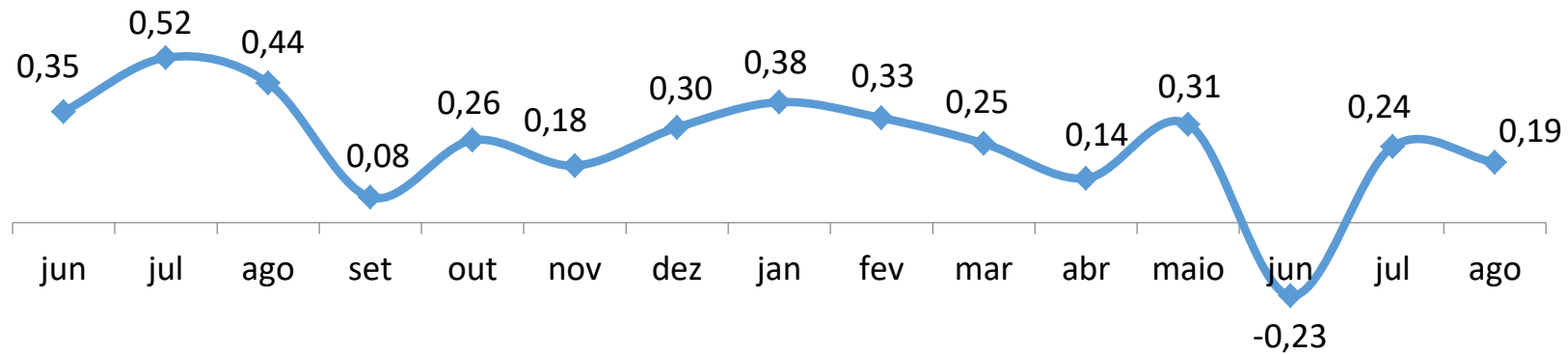
A maior contribuição ao aumento do IPCA no mês veio dos combustíveis. O etanol e a gasolina ficaram mais caros no período. O segundo reflete o impacto decorrente do aumento do PIS/Cofins, em vigor desde julho, e da nova política de alinhamento dos preços dos combustíveis às variações internacionais.

O cenário de recuperação gradual da economia e rápida desinflação levou o COPOM (Comitê de Política Monetária do Banco Central) a decidir por mais um corte na taxa SELIC, de 9,25% para 8,25% ao ano, na reunião do dia 6 de setembro. Entre outubro de 2016 e setembro de 2017 os juros básicos foram reduzidos em seis pontos percentuais.

Para o mês de setembro, de acordo com o Boletim FOCUS (de 8 de setembro), a inflação esperada deve variar entre 0,23% e 0,26% (medianas Top 5 e Agregado).

Em relação ao ano de 2017, a mesma fonte projeta a variação do IPCA entre 3,01% (mediana Top 5 - previsões de maior acerto) e 3,14% (mediana – agregado).

Trajetória mensal do IPCA em 12 meses 2015 a 2017 (Em %) - Agosto



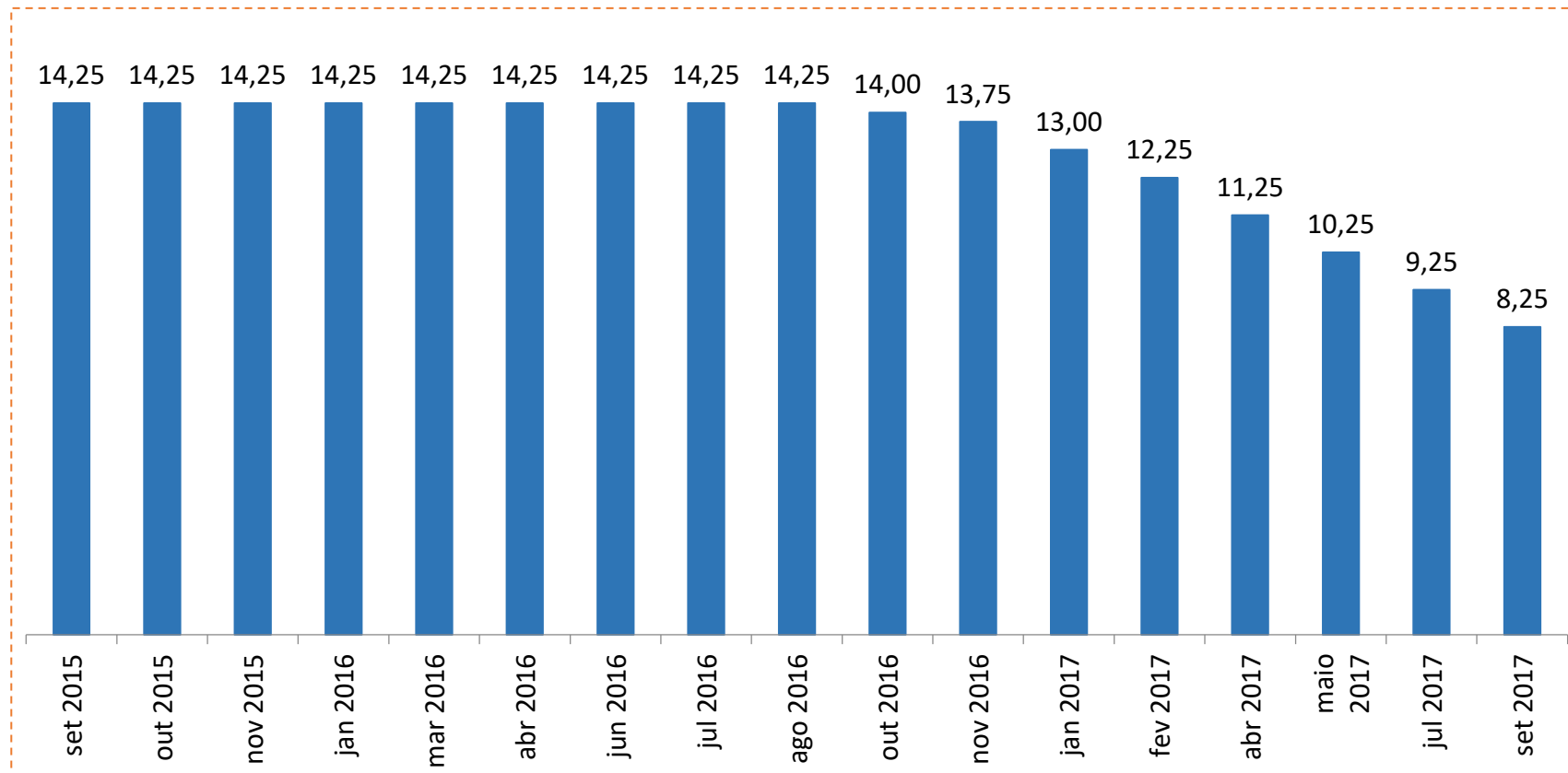
Fonte: Banco Central e IBGE. Elaboração: FIERN.

NOTA: * Estimativas Focus, Mediana - Top 5 e Mediana - Agregado (08/09/2017).

Trajetória da SELIC

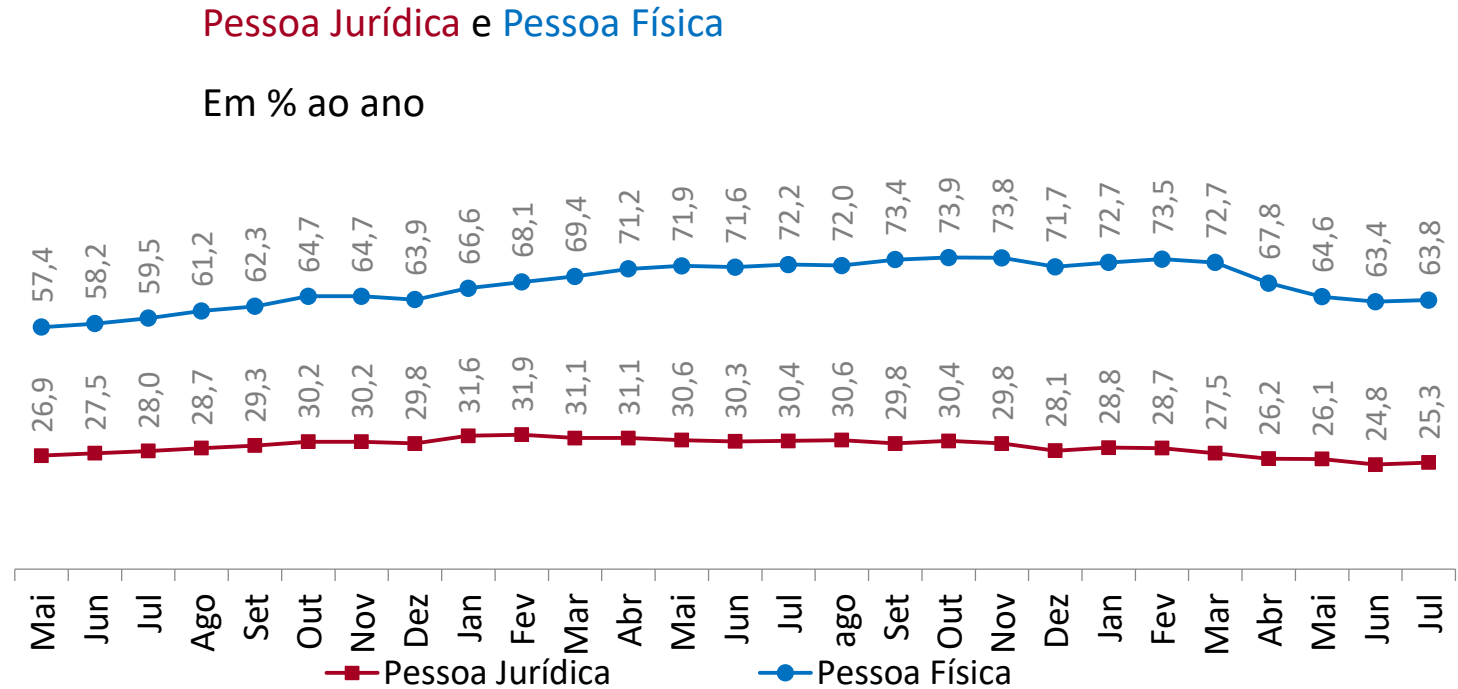
julho de 2015 a maio de 2017 (Em %)

→ A SELIC diminuiu 6,0 pontos percentuais entre outubro de 2016 e setembro de 2017



Brasil - Evolução das taxas médias de juros: Maio 2015 – Jul 2017

Recursos Livres



Spreads em julho de 2017

Pessoa Física = 54,5 pp

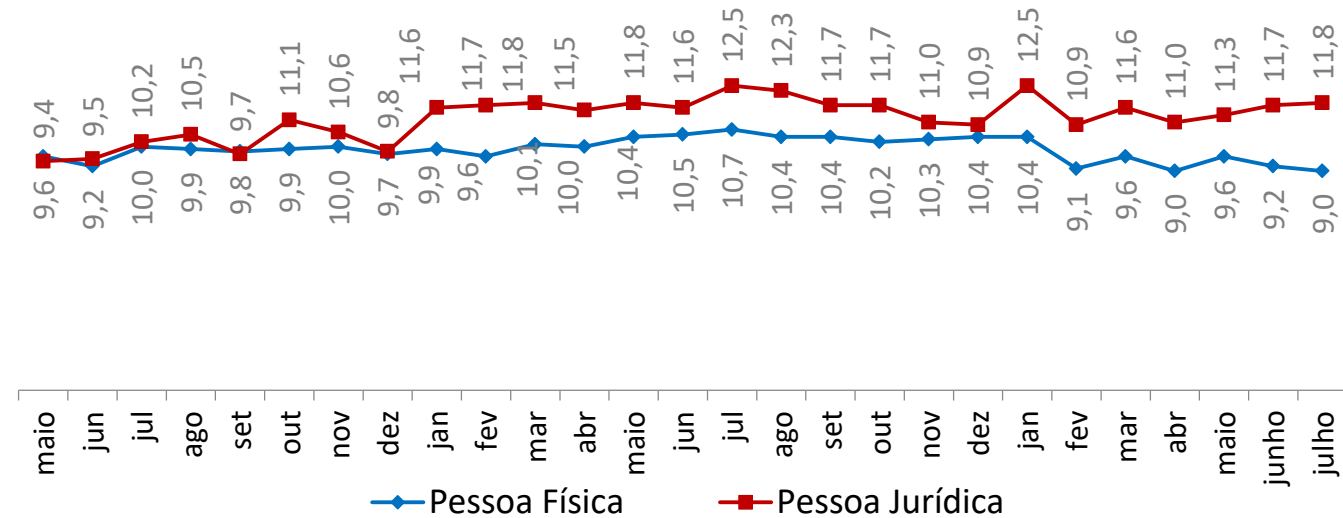
Pessoa Jurídica = 16,7 pp

Brasil - Evolução das taxas médias de juros: Maio 2015 – Julho de 2017

Recursos Direcionados

Pessoa Jurídica e Pessoa Física

Em % ao ano



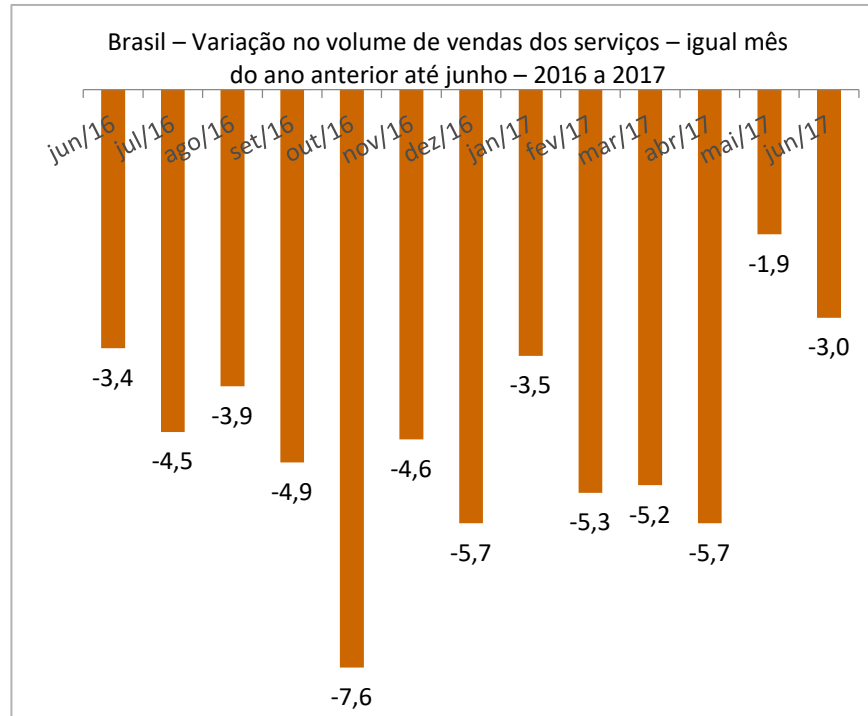
Spreads em julho de 2017

Pessoa Jurídica = 5,6 pp

Pessoa Física = 3,4 pp

Volume de Serviços - Pesquisa Mensal de Serviços

	Junho /2017 Junho 2016	Janeiro-junho 2017/ Janeiro-junho 2016	Acumulado nos Últimos 12 meses até junho
VOLUME DE SERVIÇOS	-3,0%	-4,1%	-4,7%



Volume de Serviços (receita real): → quatro subsetores cresceram em maio

Crescimento em junho → Transporte aquaviário; Armazenagem, serviços auxiliares dos transportes e correio; Transporte terrestre e Serviços de alojamento e alimentação.

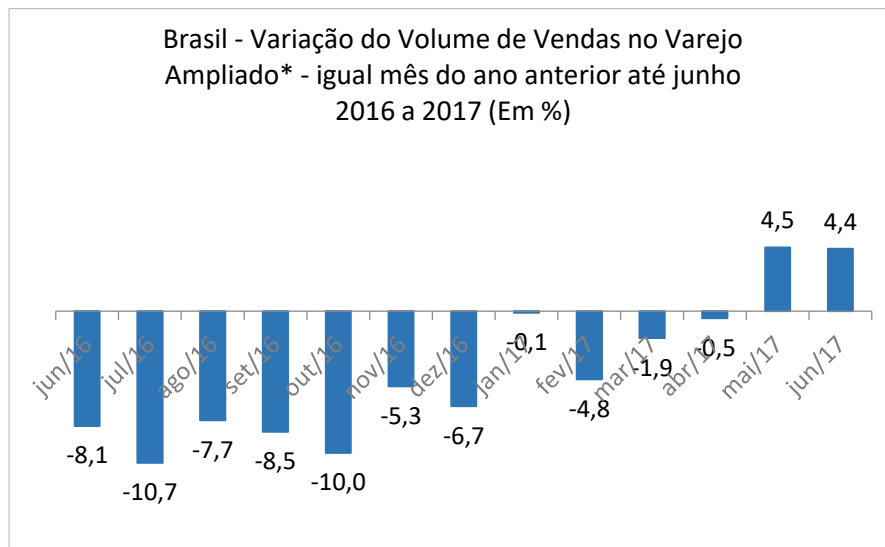
Maiores quedas → Serviços técnico profissionais; Transporte aéreo; Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias; Serviços administrativos e complementares ; Outros serviços prestados às famílias; Atividades turísticas; Serviço de Tecnologia da Informação – TIC.

Fonte: IBGE – PMS, maio 2017. Com detalhes gráficos na seção do Rio Grande do Norte

→ No mês de junho, a receita real dos serviços (volume de serviços) do Brasil caiu com mais intensidade (-3,0%) do que em maio (-1,9%) ante igual período de 2016. Ainda assim é a segunda taxa menos negativa dos últimos 12 meses (ilustração no gráfico acima). A variação mensal anualizada do indicador (ilustração no gráfico acima) está em queda há 30 meses (desde janeiro de 2015). O RN cresceu três vezes nesta mesma base em 2017.

Comércio Varejista - Pesquisa Mensal de Comércio

	Junho 2017/ junho 2016	Acumulado Janeiro-junho 2017 / Janeiro-junho 2016	Acumulado nos últimos 12 meses até junho
VOLUME DE VENDAS			
- Varejo Restrito	3,0%	0,1%	-3,0%
-Varejo Ampliado *	4,4%	0,3%	-4,1%



Fonte: IBGE – PMC, junho de 2017. * Inclui o varejo restrito mais veículos e motos, partes e peças e material de construção. Com detalhes gráficos na seção do Rio Grande do Norte

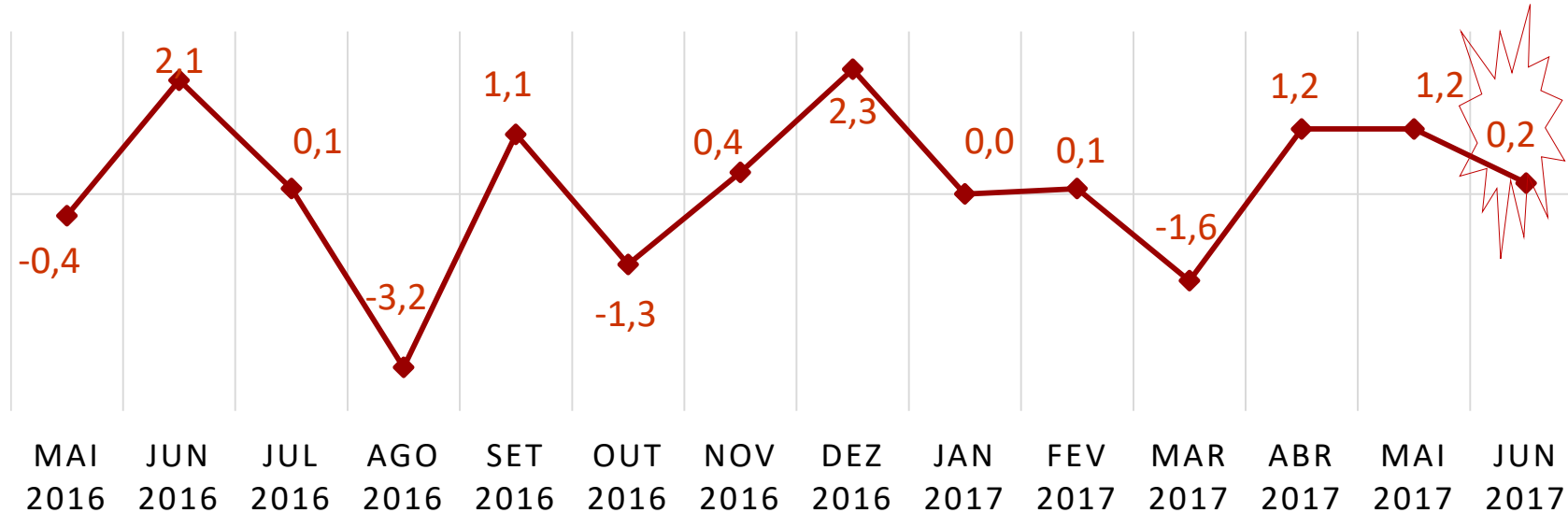
Volume de Vendas – Varejo Ampliado → Crescimento nos 10 segmentos pesquisados

Destaques em junho → Móveis e eletrodomésticos; Material de construção; Equipamentos e material para escritório, informática e comunicação; Tecidos, vestuário e calçados; Outros artigos de uso pessoal e doméstico; Veículos e motos, partes e peças; e Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos.

→ O varejo ampliado nacional apresentou dois crescimentos seguidos em seu volume de vendas (receita real), interrompendo uma série de 35 meses ininterruptos sem crescimento (junho de 2014 a abril de 2017). A atividade assinalou crescimento em junho ante igual mês de 2016 (4,4%). Registre-se que a intensidade das quedas da receita real de vendas (volume de vendas) já vinha perdendo força desde novembro de 2016. No acumulado até junho, as vendas reais cresceram 0,3% e recuaram -4,2% em 12 meses até junho, enquanto nas mesmas bases de 2016 as médias corresponderam a -9,3% e -10,0%, respectivamente.

Indústria Nacional

Produção Industrial PIM-PF/IBGE –
(variação mês/mês anterior, com ajuste sazonal), em %



Variação na produção junho 2017 / maio de 2017 (com ajuste sazonal) → 0,2%

Junho 2017 / junho 2016 → 0,5%

junho 2016 / junho 2015 → -5,3%

Janeiro-junho 2017 / janeiro-junho de 2016 → 0,5%

Janeiro-junho 2016 / janeiro-junho de 2015 → -8,9%

Acumulado nos últimos 12 meses até junho de 2017 → -1,9%

Acumulado em 12 meses até junho 2016 / 2015 → -9,7 %

Variações da produção industrial – Junho de 2017 (em %)

	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	0,0	0,5	0,5	-1,9
Bens de capital	0,3	0,3	2,9	1,0
Bens intermediários	0,1	0,9	-0,1	-2,1
Bens de consumo	-1,1	-0,6	0,9	-2,1
Bens de consumo duráveis	-6,0	5,0	10,0	1,5
Semiduráveis e não duráveis	-0,5	-1,8	-1,2	-2,9
Extrativa Mineral	1,3	4,5	6,0	0,1
Transformação	-0,2	-0,1	-0,3	-2,2

Fonte: Carta IEDI 801. 18 de agosto de 2017, de acordo com a PIM-PF/IBGE de junho de 2017

Faturamento da indústria cai 2,4% em junho (CNI – Indicadores Industriais)

→ De acordo com a pesquisa Indicadores Industriais, da CNI, depois de aumentar 5,5% na passagem de abril para maio, o faturamento real da indústria voltou a cair (-2,4%) em junho (com ajuste sazonal). O setor acumula queda (-5,9%) no primeiro semestre do ano, ante igual período de 2016. Por seu turno, a Utilização da Capacidade Instalada recuou para 77,1% em junho, após atingir as médias de 77,4% em maio, 76,7% em abril e 77,2% em março.

Produção Industrial – Brasil e Região Nordeste

Taxa de Crescimento Acumulado – Janeiro-Junho de 2017 / Janeiro-Junho de 2016

Região	Principais contribuições positivas	Principais contribuições negativas
Brasil (0,5%)	Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (18,6%)	Impressão e reprodução de gravações (-14,2%)
	Veículos automotores, reboques e carrocerias (11,7%)	Outros equip. de transporte, exceto veículos (-11,6%)
	Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos (6,9%)	Coque, derivados do petróleo e biocombustíveis (-7,6%)
	Indústrias extrativas (6,0%)	Máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-7,4%)
Nordeste (-2,3%)		Farmoquímicos e farmacêuticos (-6,8%)
	Veículos automotores, reboques e carrocerias (26,2%)	Metalurgia (-16,4%)
	Confecção de artigos do vestuário e acessórios (10,9%)	Coque, derivados do petróleo e biocombustíveis (-12,2%)
	Preparação de couros e artefatos de couros, artigos para viagens e calçados (4,6%)	Produtos de minerais não-metálicos (-8,5%)
	Produtos têxteis (2,2%)	Produtos de metal exceto máq. e equip. (-6,1%)
	Celulose, papel e produtos de papel (1,4%)	Máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-5,2%)

Cenário Nacional

Movimento no mercado de trabalho

A taxa de desocupação das pessoas de 14 anos ou mais de idade do país recuou de 13,7% para 13,0% entre o primeiro e o segundo trimestre de 2017. Todavia, a média ainda é maior do que a do segundo trimestre de 2016 (11,3%). A desocupação atingiu em média 13,486 milhões de pessoas no trimestre abril-junho, com recuo de 4,9% em relação ao trimestre terminado em março, mas avançou 16,4% em comparação com o segundo trimestre de 2016.

O número de ocupados em atividades formais e informais no segundo trimestre correspondeu a 90,236 milhões de pessoas no segundo trimestre de 2017, assinalando crescimento de 1,4% em relação ao trimestre anterior (aumento de 1,289 milhão de empregados). Contribuíram para este crescimento o Comércio e serviços, com acréscimo de 1,046 milhão de ocupados (1,7%) e a Indústria geral, com mais 375 mil (3,3%). Os cortes foram liderados pela Construção (-105 mil empregados ou -1,3%), seguida da Agropecuária (-30 mil ou -0,3%).

Em relação ao segundo trimestre de 2016, o número de pessoas ocupadas caiu 0,6%, equivalente a um corte de 562 mil empregos. Nesta base de comparação, mais uma vez, ficaram à frente dos cortes a Construção (-9,2% ou -683 mil empregados) e a Agropecuária (-8,1% ou -765 mil). Em contrapartida, o Comércio e serviços contribuíram para amenizar os cortes no período de referência, ao criarem 780 mil empregos (variação de 1,2%) e a Indústria geral, 94 mil (0,8%).

O rendimento real habitual do brasileiro, obtido com todos os trabalhos, atingiu a média de R\$ 2.104,00 no segundo trimestre de 2017, com declínio de 1,0% ante o primeiro trimestre e incremento de 3,0% em relação ao mesmo trimestre de 2016. O aumento da renda real média em relação a 2016, apesar do crescimento da desocupação no período é explicada pela queda da inflação.

Indicadores de Ocupação com Carteira e sem Carteira Abril-maio-junho 2017 Brasil

Indicador	Estimativas dos Trimestres			Variações	
	Abr-mai-jun/ 2016	Jan-fev- mar/ 2017	Abr-mai- jun/ 2017	Em relação ao trimestre anterior	Em relação ao mesmo trimestre do ano anterior
Taxa de desocupação (em %)	11,3	13,7	13,0	-0,7 pp	1,7 pp
No de pessoas desocupadas (em 1.000)	11.586	14.176	13.486	-4,9%	16,4%
Nº de pessoas ocupadas (em 1.000)	90.798	88.947	90.236	1,4%	-0,6%
Nº de pessoas ocupadas na Indústria Geral (em 1.000)	11.661	11.380	11.755	3,3%	0,8%
Nº de pessoas ocupadas na Construção (em 1.000)	7.414	6.836	6.731	-1,5%	-9,2%
Nº de pessoas ocupadas na Agropecuária (em 1.000)	9.417	8.682	8.652	-0,3%	-8,1%
Nº de pessoas ocupadas no Comércio e Serviços (em 1.000)	62.303	62.037	63.083	1,7%	1,2%
Rendimento médio real habitual (em R\$)	2.043	2.125	2.104	-1,0%	3,0%

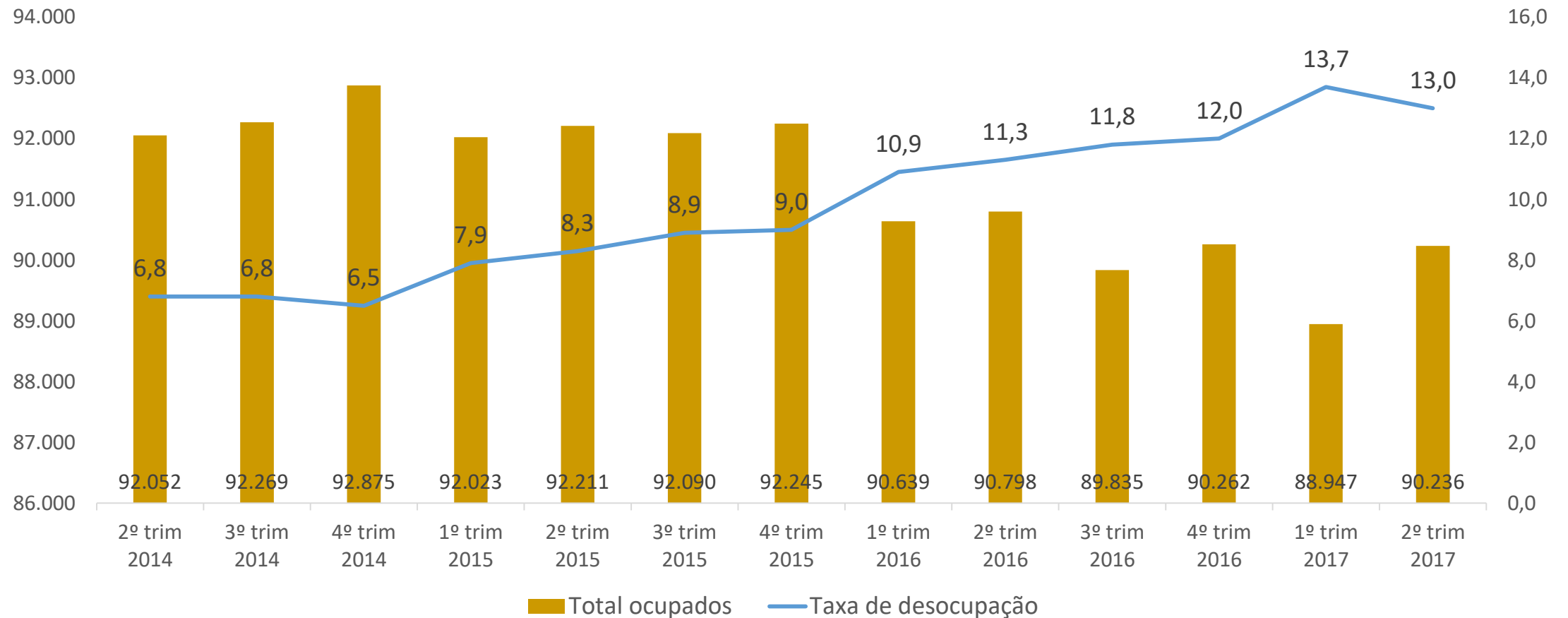


Brasil

Evolução do número de ocupados e da taxa de desocupação das pessoas de 14 anos ou mais de idade
2º Trim de 2014 ao 2º Trim de 2017

Em 1.000

Em %



Total de desocupados → 13,486 milhões

Cenário Nacional

Emprego com carteira assinada

O emprego com carteira assinada também vem se recuperando gradualmente. O CAGED registrou a criação de 9.821 vagas com carteira assinada em junho no Brasil, proporcionando um aumento de 0,03% no estoque de empregados com vínculo formal. Trata-se do quarto balanço positivo do emprego desta categoria no país em 2017. Em junho de 2016, foram fechados 91.032 postos de trabalho com carteira. O melhor desempenho do mês ficou a cargo da Agropecuária, que abriu 36.827 vagas, puxadas pelas contratações nas lavouras de café, laranja e soja, e atividades de apoio à agricultura, no sudeste e centro-oeste. O conjunto da indústria perdeu 16.850 vagas no mês. A Construção liderou o volume de cortes no setor (-8.963), seguida da Transformação (-7.887 vagas); a Extração mineral cortou 183 vagas e os Serviços Industriais de Utilidade Pública, 657.

No mês de junho, 18 Unidades da Federação apresentaram balanço positivo do emprego com carteira, com destaques para Minas Gerais (+15.445 vagas), Mato Grosso (+5.779) e Goiás (+4.795). As maiores retrações foram assinaladas pelo Rio Grande do Sul (-9.513 vagas), Rio de Janeiro (-5.689 vagas) e Paraná (-3.561).

No primeiro semestre de 2017, o balanço do emprego com carteira no país foi positivo em 67.358 vagas, enquanto no mesmo período de 2016 foram encerradas 531.765 contratos de trabalho. Nos últimos 12 meses terminados em junho, o saldo foi de -749.060 vagas, ao passo que no mesmo período do ano anterior correspondeu a -1.765.024.

Rio Grande do Norte

Cenário Econômico - Rio Grande do Norte

Destaques – Síntese Rio Grande do Norte

A economia potiguar continua se recuperando em ritmo lento e gradual, reproduzindo a reação do quadro nacional. No primeiro semestre de 2017, a confiança do empresário industrial potiguar, monitorada pelo ICEI da FIERN/CNI cresceu em dois meses: maio e junho, e caiu em julho (47,5 pontos). Em termos gerais, destaca-se uma tendência de aproximação do ICEI em relação à linha divisória de 50 pontos, que separa crescimento de queda. No entanto, o avanço do ICEI tem refletido mais expectativas e menos situação presente. Ou seja, a melhora da confiança do empresário industrial potiguar ainda tem em mira os próximos seis meses, uma vez que as condições atuais da economia nacional, estadual ou da própria empresa ainda vêm sendo avaliadas com ceticismo. Além disso, o aumento efetivo da confiança continua restrito às médias e grandes empresas (com 50 ou mais empregados) do agrupamento extrativo e de transformação, enquanto o pessimismo persiste na construção. A explicação está no fato de o desempenho destes segmentos ainda estar aquém dos demais.

Em termos setoriais, os sinais da recuperação se tornaram mais evidentes. A indústria e o comércio continuam suavizando o ritmo da retração, enquanto os serviços já apresentam balanço positivo no primeiro semestre. O consumo industrial de energia caiu 0,9% em relação ao primeiro semestre de 2016, ante queda de 3,4% na mesma base de 2016/2015; a receita real do comércio varejista declinou 1,3% e 9,6%, respectivamente, enquanto a receita real de serviços cresceu 1% contra retração de 5,8%, na mesma ordem. O comércio e os serviços foram ajudados pelos saques das contas inativas do FGTS, no segundo trimestre. No entanto, é importante ressaltar que, no balanço do primeiro semestre, o desempenho da receita real dos serviços potiguares apresenta-se superior à média nacional, destacando-se, inclusive, das demais unidades da federação. A dúvida é se este ritmo se sustentará nos próximos períodos.

No que diz respeito à indústria, especificamente, pelo parâmetro do consumo de energia elétrica, quatro segmentos reverteram a retração do primeiro semestre de 2016 em variação positiva, no período em análise: Alimentos e bebidas, Têxteis e Fabricação de produtos minerais não-metálicos (cimento e derivados) e Outras indústrias. Dois segmentos suavizaram a retração: Vestuário e Construção. Sobre estes, é preciso levar em conta a fraca base de comparação, uma vez

Cenário Econômico - Rio Grande do Norte

que a indústria se encontra em crise, desde antes mesmo de 2014. Por outro lado, dois ramos registraram desempenho pior do que no ano passado, uma vez que inverteram o consumo de energia de positivo para negativo: tais são os casos da Extração de petróleo e gás e da Extração de produtos minerais não-metálicos. Nestes segmentos, as explicações estão, em primeiro lugar, na diminuição das atividades de exploração/produção da Petrobras em áreas maduras da Bacia Potiguar, e no segundo, no recuo da produção de sal marinho e de insumos para a construção, como argilas, calcário, britas, pedras, etc.

Quanto ao tema do emprego, a desocupação no estado bateu recorde no primeiro trimestre de 2017, a contar de 2014, e moderou pela primeira vez no segundo, fazendo a taxa de desemprego no estado passar de 16,3% para 15,6%. O número de desempregados em atividades formais e informais cedeu de 250.000 para 239.000 no período. A suavização do desemprego foi proporcionada pelo acréscimo de 23.000 pessoas ocupadas no comércio/serviços (2,9%), único setor com desempenho positivo no período, inclusive em relação ao segundo trimestre de 2016. O número de empregados no conjunto da indústria declinou 6% (menos 14.000 empregados). A situação é mais grave na construção, que perdeu 9,6% do total de empregados (10.000), do que na indústria geral (extrativas e de transformação), que cortou 3,1% (4.000) entre o primeiro e o segundo trimestre. Por sua vez, o emprego com carteira assinalou o primeiro saldo mensal positivo de 2017 em junho, correspondente a 453 vagas abertas. No primeiro semestre, apesar de negativo, o saldo de vagas apresentou uma moderação ante iguais períodos de 2016 e 2015. Ou seja, em toda a economia potiguar, foram cortadas 4.804 vagas com carteira no período janeiro-junho, contra diminuições de 15.824 em 2016 e 9.764 em 2015. A indústria, especificamente, apresentou a mesma tendência: saldo de -3.368 vagas até junho de 2017, e de -6.379 e -7.565 nas mesmas bases de 2016 e 2015, respectivamente. Ressalte-se que, no primeiro semestre de 2017, apenas os serviços apresentaram saldo positivo do emprego com carteira, com 2.538 vagas geradas.

No que diz respeito às perspectivas para o segundo semestre, a atividade industrial deve melhorar, tanto em decorrência do aumento das encomendas que costumam ser feitas no período pelo comércio visando as vendas de fim de ano, como

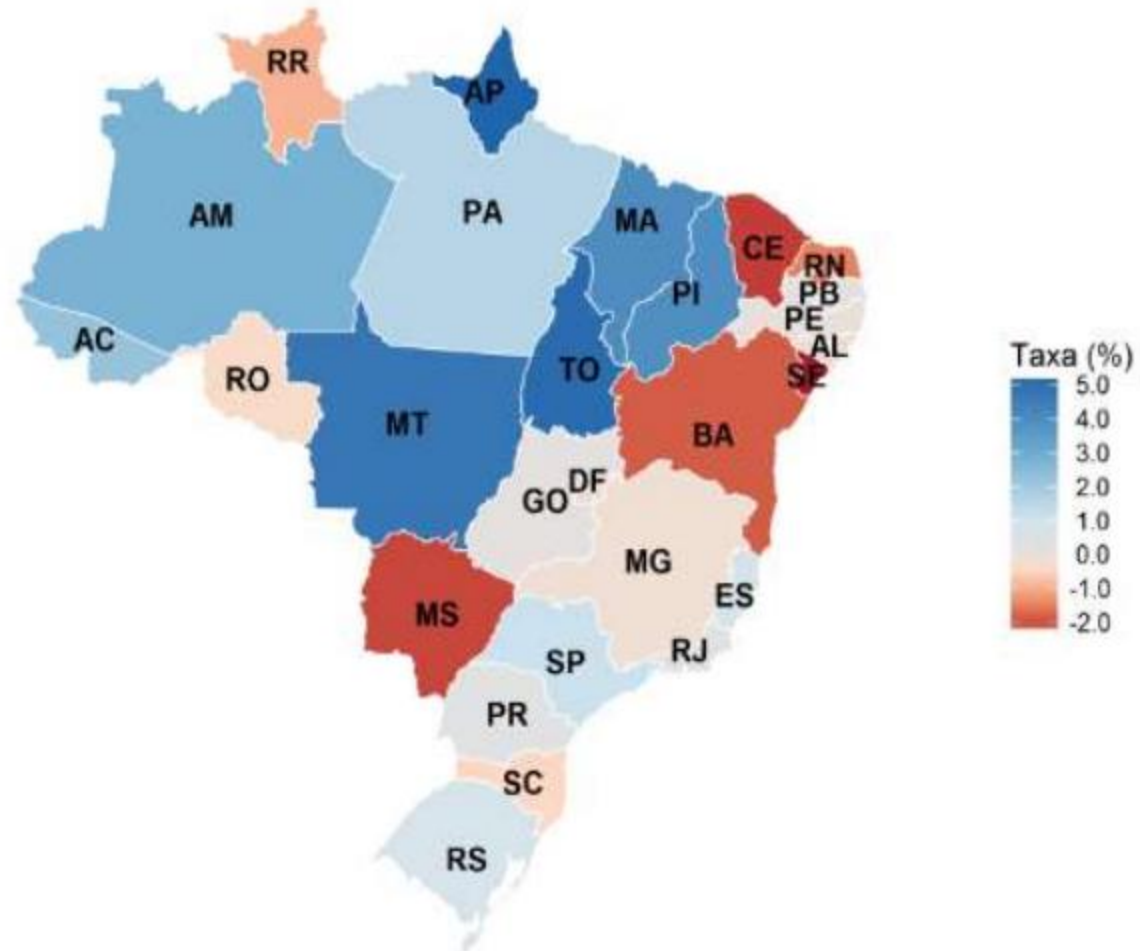
Cenário Econômico - Rio Grande do Norte

das altas sazonais do setor frutícola e da indústria sucroalcooleira. Alguns segmentos, como têxteis, vestuário, alimentos e outras indústrias, devem continuar o processo de recuperação, gradualmente. A queda da inflação vem ajudando a melhorar o consumo das famílias, assim como os saques de contas inativas do FGTS ajudaram a quitar dívidas e estimularam as compras de bens no segundo trimestre. Todavia, ainda não se trata de uma retomada da atividade econômica. Esta só virá com a recuperação dos investimentos, que estão inibidos pela alta ociosidade das máquinas e equipamentos. Também contribuem para deixar a recuperação travada, a lenta queda dos juros vis-à-vis o rápido recuo da inflação. No caso do Rio Grande do Norte, há dois pontos críticos diretamente relacionados à recuperação. Trata-se, em primeiro lugar, dos desinvestimentos da Petrobras e, em segundo, da ausência de recuperação efetiva da indústria da construção. O leilão de blocos exploratórios em bacias maduras na 14ª Rodada de Licitações, a realizar-se no final de setembro, contempla áreas terrestres da bacia potiguar (64 blocos), muitas das quais com produção interrompida pela Petrobras. É provável que pequenas ou médias empresas privadas venha a arrematar estes campos. Porém, os impactos diretos e indiretos esperados ainda são limitados, levando-se em conta o baixo volume de óleo e gás envolvido. Também há incertezas quanto ao prazo para a retomada da produção nessas áreas, mesmo na hipótese de êxito absoluto do certame. Quanto à indústria da construção, diversos elementos estão em jogo: renda da população, que depende da recuperação do emprego, volta do crédito/ financiamento à construção de moradias, retomada das obras públicas paralisadas e de investimentos do setor público ou privado em infraestrutura, o que, tampouco se vislumbra no curto prazo.

Quanto ao crescimento do PIB, enquanto o cálculo oficial do IBGE chegou a um crescimento de 0,2% do PIB nacional no segundo trimestre ante o primeiro, com ajuste sazonal, a 4E Consultoria estimou as variações regionais. Para o Rio Grande do Norte, foi projetada uma variação em torno de -1,0% na mesma base de comparação, enquanto a variação do conjunto da região Nordeste foi estimada em -0,5%.

Finalmente, em relação ao balanço de 2017, levando em conta a projeção do Banco Santander, o PIB do Rio Grande do Norte deve apresentar a mesma taxa de crescimento real prevista para o Brasil: 0,5%. Os três grandes setores econômicos potiguares também devem apresentar balanço real positivo: agropecuária, 4,4%; indústria, 0,6% e comércio/serviços, 0,3%.

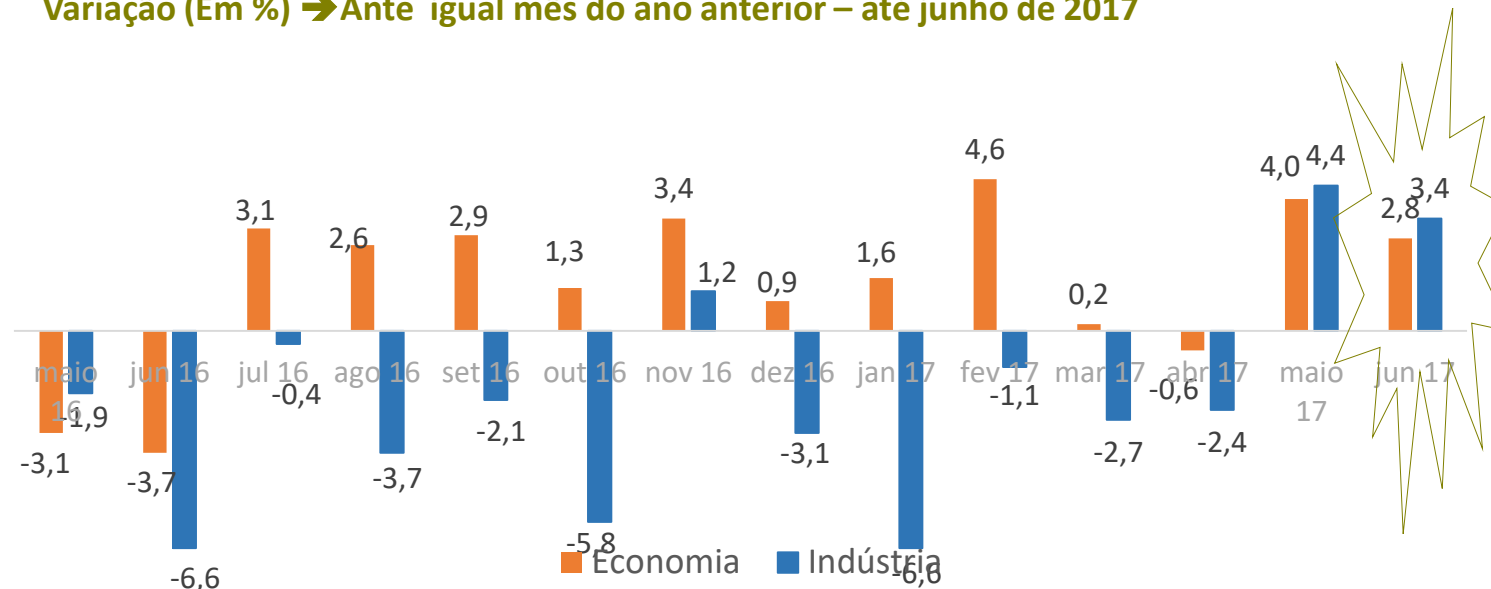
Estimativas da variação do PIB no segundo trimestre por UF % em relação ao trimestre anterior (com ajuste sazonal)



PIB Nacional → 0,2% (IBGE)
PIB do Nordeste → -0,5%
(estimativa 4E Consultoria)

Consumo de Energia – Rio Grande do Norte Conj. da Economia e Indústria

Variação (Em %) → Ante igual mês do ano anterior – até junho de 2017



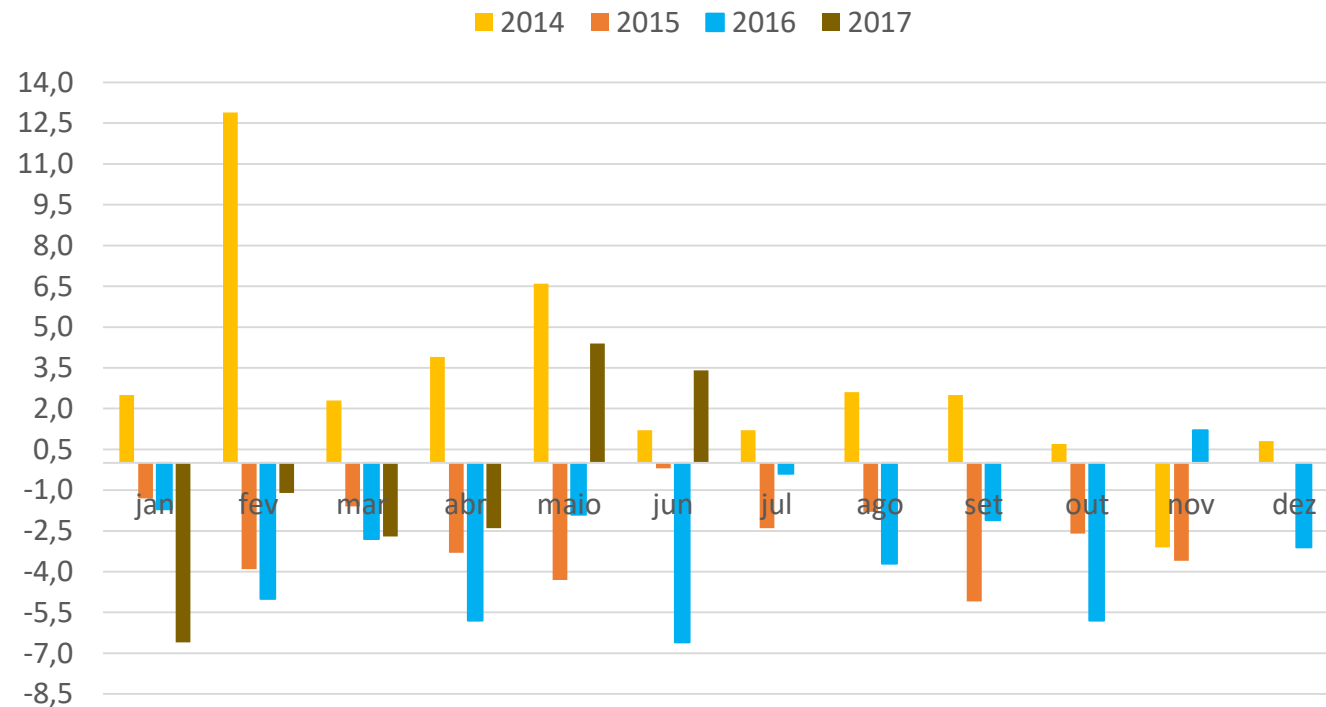
Consumo de energia elétrica na economia cresce pelo segundo mês seguido

✓ O consumo de energia elétrica pelo conjunto da economia do Rio Grande do Norte cresceu 2,8% em junho em comparação a igual período de 2016. O resultado foi puxado pelo Comércio/serviços e pela Indústria, ambos com crescimento de 3,4% no consumo no período, enquanto o da Agropecuária recuou (-0,8%).

✓ Na Indústria, especificamente, o consumo de energia cresceu pelo segundo mês seguido após cinco meses seguidos em queda até abril. O crescimento anualizado em junho foi puxado pelos segmentos de Fabricação de produtos minerais não-metálicos (cimento e derivados) (35,0%), Alimentos e Bebidas (9,0%) e Têxteis (3,9%), contra recuos de Extração de minerais não metálicos (-14,3%), Construção (-22,7x%), Confecções (-0,4%) e Outras indústrias (-2,4%).

✓ (Detalhes da Indústria no slide seguinte).

RN - Variação no consumo industrial de energia elétrica Rel. mês / mês do ano anterior - 2014 – 2017 (Em %)

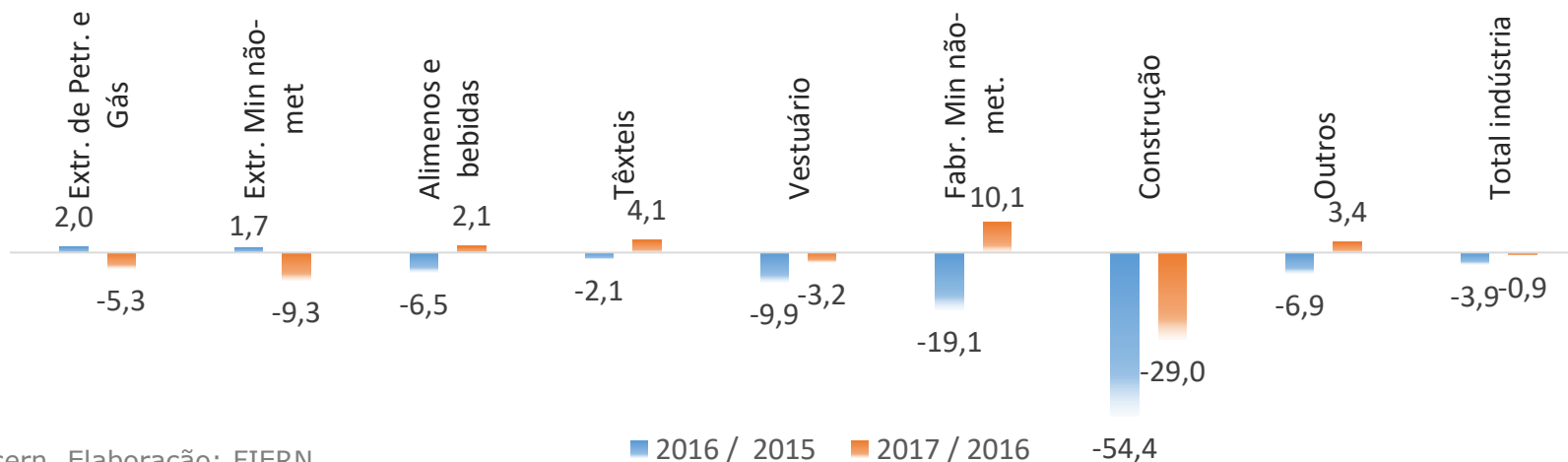


Fonte: Cosern. Elaboração, FIERN

A série histórica do consumo de energia elétrica pelo conjunto da Indústria no Rio Grande do Norte na base de referência mês/igual mês do ano anterior, de janeiro de 2014 a junho de 2017, mostrada no gráfico acima, aponta contração no setor desde janeiro de 2015, e mais intensa em 2016, com uma interrupção pontual na queda em novembro deste ano. Em 2017, após moderações nos recuos de fevereiro e abril, o consumo cresceu em maio (4,4%) e junho (3,4%), com a contribuição principal do segmento de fabricação de produtos minerais não-metálicos, como cimento e derivados.

Consumo Industrial de Energia Elétrica

Varição (Em%) jan-junho 2017 / 2016 e jan-junho 2016 / 2015



Fonte: Cosern. Elaboração: FIERN

- ✓ No primeiro semestre de 2017, o consumo de energia pela indústria potiguar caiu com menor força relativamente ao mesmo período de 2016, ou seja variações de -0,9% e -3,9%, respectivamente. A maior influência para a moderação do recuo no período veio do segmento de Fabricação de produtos minerais não-metálicos, que aumentou 10,1% no período, ante retração de 19,1% na mesma base de 2016/2015.
- ✓ O gráfico acima mostra que, no período janeiro-junho de 2016, cinco dos oito ramos industriais com detalhamento disponível apresentaram contração no consumo de energia. Todavia, no balanço janeiro-junho de 2017, quatro reverteram as quedas: Fabricação de produtos minerais não-metálicos (10,1% ante -19,1% na base 2016/2015), Têxteis (4,1% e -2,1%), Alimentos e Bebidas (2,1% e -6,5%) e Outras indústrias (3,4% e -6,9%).
- ✓ Dois segmentos amortizaram a queda do consumo nos períodos janeiro-junho de 2017/2016, ante iguais bases dos correspondentes anos anteriores: Construção (-29,0% e -54,4%); Vestuário (-3,2% e -9,9%).
- ✓ Dois segmentos continuam com performance pior do que na base janeiro-junho de 2016. O ramo de Extração de petróleo e gás saiu de crescimento na base anterior para contração na base atual (2,0% ante -5,3%), em virtude da redução da atividade da Petrobras no estado, enquanto Extração de produtos minerais não-metálicos caiu com mais força em (1,7% e -9,3%).

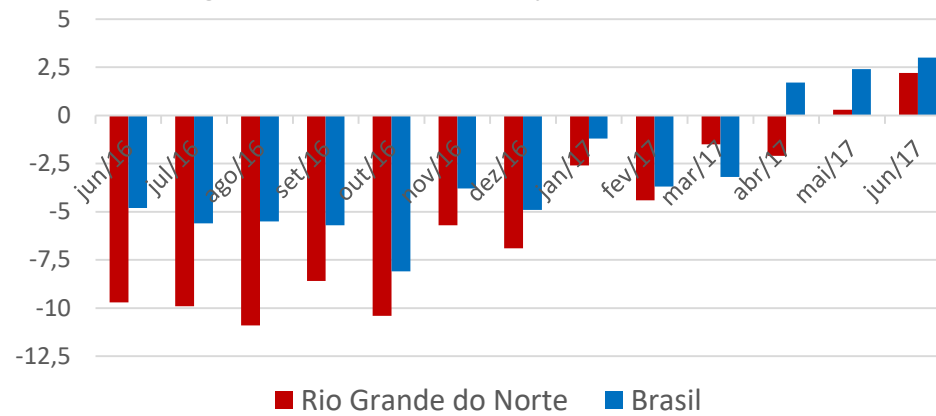
Pesquisa Mensal de Comércio – PMC

	Junho 2017 / Junho 2016		Janeiro-junho 2017 / Janeiro-junho 2016		Acumulado nos últimos 12 meses até junho	
	BR	RN	BR	RN	BR	RN
VOLUME DE VENDAS						
- Varejo Restrito	3,0	2,2	-0,1	-1,3	-3,0	-5,3
-Varejo Ampliado *	4,4	-0,5	0,3	-4,3	-4,1	-6,9

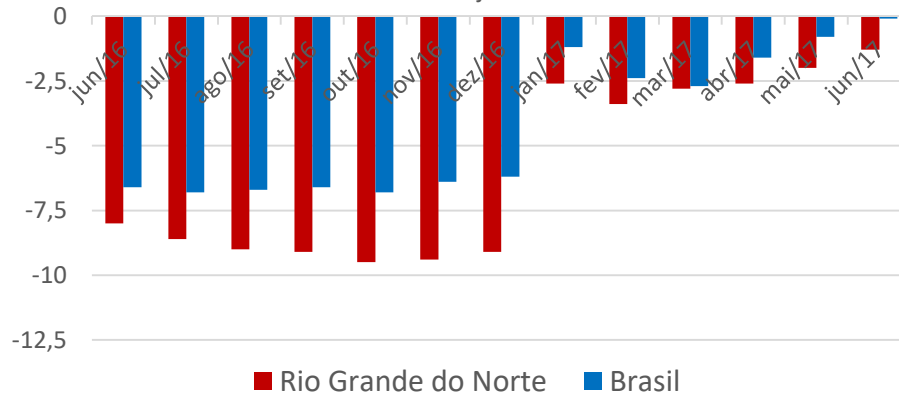
- ✓ A atividade do comércio – potiguar e consolidado nacional - manteve a tendência de “diminuição de perdas” nas vendas reais, iniciada em novembro de 2016. O varejo restrito sinaliza reação mais consistente do que o ampliado (que inclui veículos, motos e partes e peças e material de construção). Em ambas as modalidades, o comércio do conjunto do país vem reagindo melhor do que o do estado. (Detalhes nos gráficos correspondentes).
- ✓ No varejo restrito, as vendas potiguares cresceram pelo segundo mês seguido ante igual período de 2016, após 25 taxas de retração consecutivas (entre abril de 2015 e abril de 2017). A receita real anualizada do varejos restrito potiguar (volume de vendas) cresceu 2,2% em junho. Por seu turno, a receita nacional cresce há três meses seguidos na mesma base, com avanço de 3,0% na mesma base. No acumulado do primeiro semestre e nos últimos 12 meses até junho, ante iguais períodos do ano anterior, o varejo estadual apresentou maior declínio do que a média nacional, ou seja, -1,3% e -0,1% no primeiro período e -5,3% e -3,0% no segundo.
- ✓ No varejo ampliado, o estado manteve retração nas vendas reais em junho (-0,5%), ante igual mês de 2016, e pelo 25º mês seguido nesta base (desde julho de 2015), enquanto o conjunto do país apresentou o segundo crescimento seguido (e variação de 4,4% em junho) após 36 meses ininterruptos com variação negativa (desde julho de 2014). No acumulado até junho, o volume de vendas do Rio Grande do Norte declinou 4,3% ante igual período de 2016, para um crescimento médio nacional de 0,3%. Nos últimos 12 meses terminados em junho, as vendas reais acusaram variações negativas de -6,9% e -4,1%, na mesma ordem.

Pesquisa Mensal de Comércio – Volume de Vendas – Varejo (restrito)

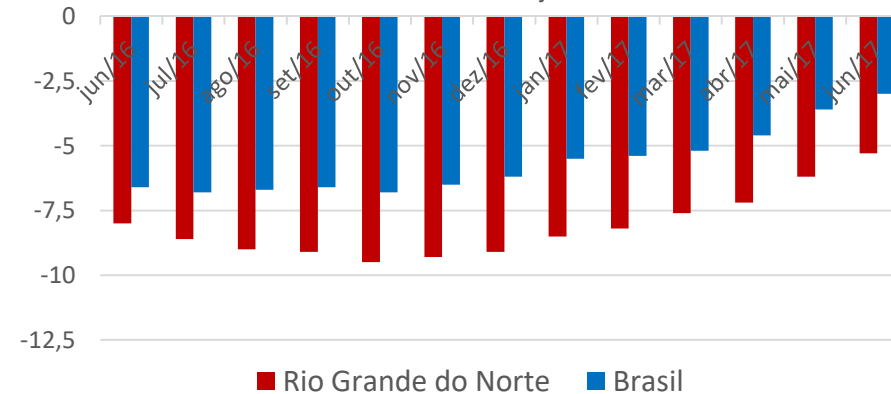
Variação do Volume de Vendas no Varejo - BR e RN
Igual mês do ano anterior até junho – 2016 a 2017



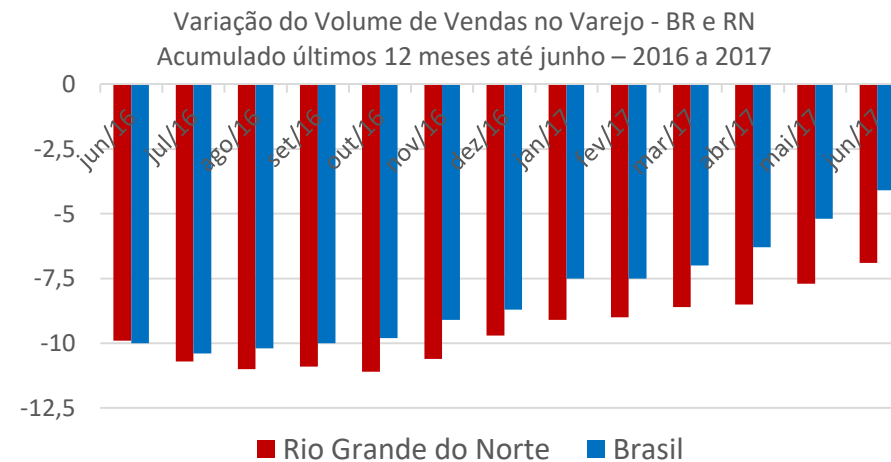
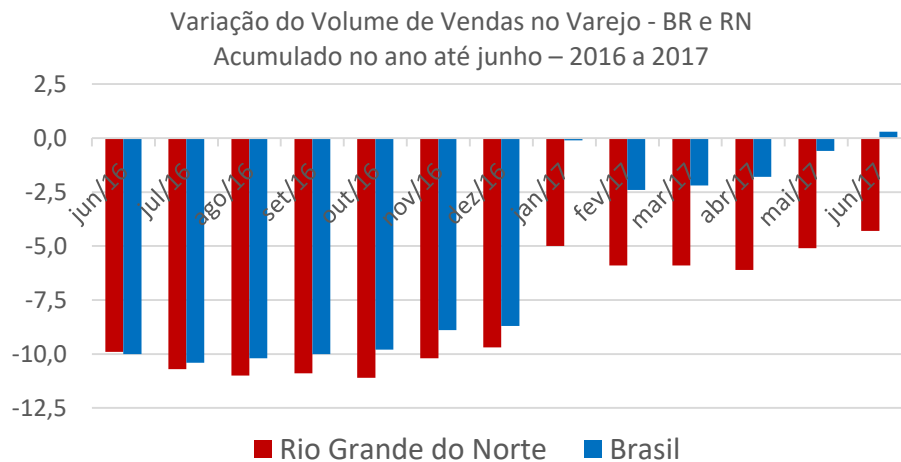
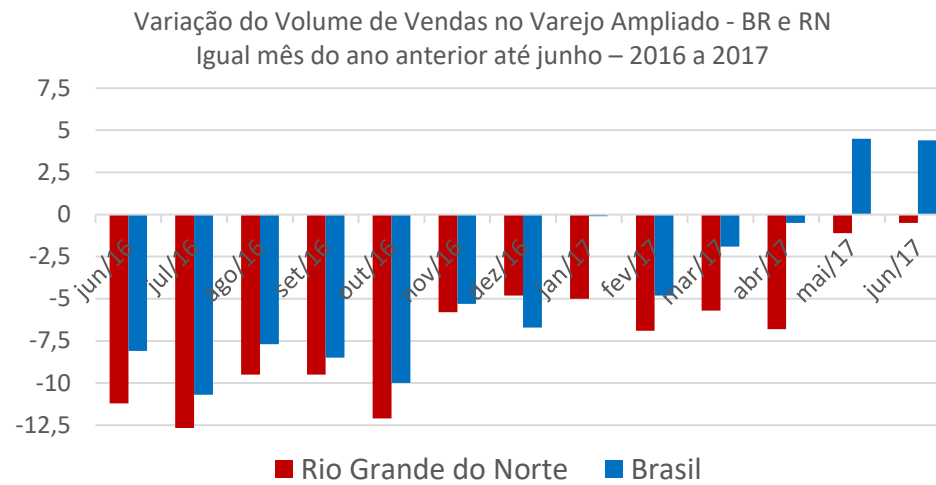
Variação do Volume de Vendas no Varejo - BR e RN
Acumulado no ano até junho – 2016 a 2017



Variação do Volume de Vendas no Varejo - BR e RN
Acumulado últimos 12 meses até junho – 2016 a 2017



Pesquisa Mensal de Comércio – Volume de Vendas – Varejo Ampliado*



Fonte: IBGE: Pesquisa Mensal de Comércio

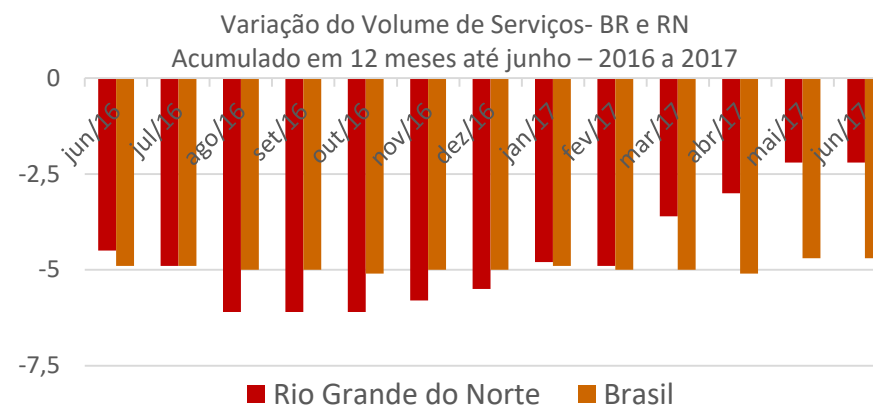
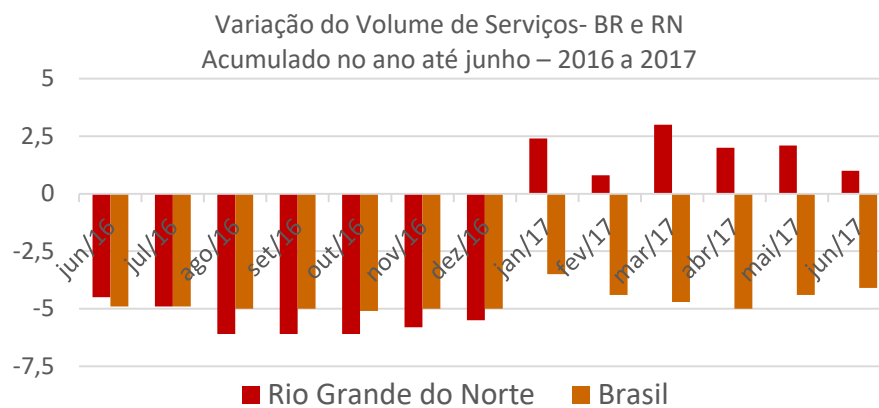
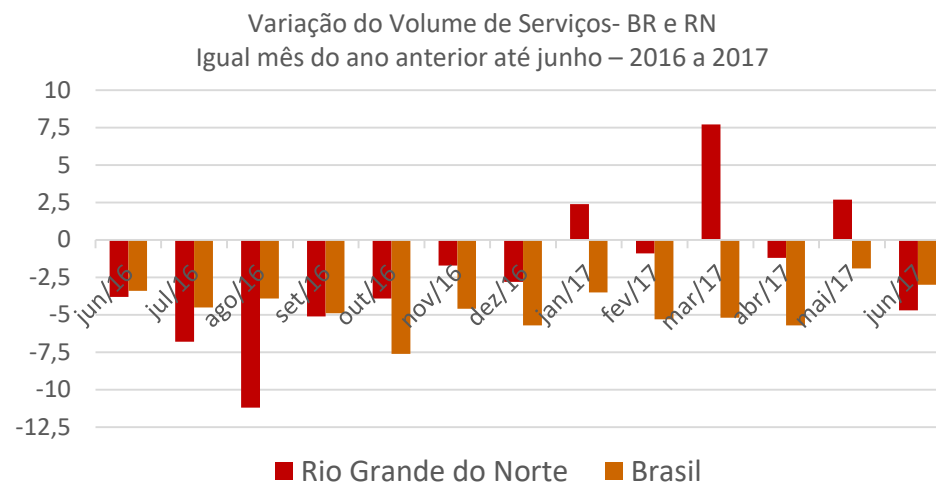
* Inclui o varejo restrito mais veículos, motos, partes e peças e material de construção

Pesquisa Mensal de Serviços – PMS

	Junho 2017/ junho 2016		Janeiro-junho 2016 / Janeiro-junho 2015		Acumulado nos últimos 12 meses até junho	
	BR	RN	BR	RN	BR	RN
VOLUME DE SERVIÇOS	-3,0%	-4,7%	-4,1%	1,0%	-4,7%	-2,2%

- ✓ Depois de crescer em janeiro, março e maio, a atividade de serviços no Rio Grande do Norte registrou o maior declínio do ano em junho. A receita real de serviços (volume de serviços) caiu 4,7% em relação a igual período de 2016. No entanto, a variação do semestre ainda é positiva em 1%. Em contrapartida, o setor está em retração ininterrupta há 30 meses (desde janeiro de 2015) no conjunto do país, com quedas mais moderadas em maio (-1,9%) e junho (-3,0%) ante iguais meses de 2016, e retração de 4,1% no semestre. (Detalhes no gráfico correspondente).
- ✓ O balanço da receita real potiguar acumulada nos últimos 12 meses até junho resultou menos negativa do que a média nacional (-2,2% contra -4,7%) ante igual período do ano anterior.

Pesquisa Mensal de Serviços – Volume de Serviços



Cenário Nacional

Movimento no mercado de trabalho - RN

Enquanto a taxa de desocupação nacional recuou de 13,7% para 13,0% entre o primeiro e o segundo trimestre, a potiguar passou de 16,3% para 15,6%. Trata-se da quinta maior média do país, atrás das de Pernambuco (18,8%), Alagoas (17,8%), Bahia (17,5%) e Amapá (17,1%) e igual a do Rio de Janeiro. Embora tenha recuado 0,7 ponto percentual em relação ao primeiro trimestre do ano, a taxa de desemprego do estado aumentou 2,1 pontos percentuais ante o segundo trimestre de 2016. No âmbito interno, as taxas de desocupação da Região Metropolitana de Natal e da capital, com médias de 15,8% e 17,3%, respectivamente, superaram a taxa estadual. Portanto, a elevada taxa de desocupação da capital vem exercendo forte influência altista sobre a média do Rio Grande do Norte.

A desocupação no Rio Grande do Norte atingiu 239 mil pessoas no segundo trimestre abril-junho, com recuo de 4,4% em relação ao trimestre anterior, mas avanço de 16,0% em comparação com o segundo trimestre de 2016. Na RMN, os desocupados eram 120 mil no trimestre em foco, média que também representa um declínio em relação ao primeiro trimestre (-1,6%) e crescimento (9,1%) ante o segundo trimestre de 2016. Em contrapartida, com 78 mil desocupadas, a situação do desemprego em Natal se agravou tanto em comparação com o primeiro trimestre (13%) como ante o segundo trimestre de 2016 (30%).

O número de ocupados em atividades formais e informais no estado no segundo trimestre correspondeu a 1,290 milhão de pessoas, assinalando crescimento de 0,7% em relação ao trimestre anterior (aumento de nove mil empregados), mas com retração de 2,9% ante o segundo trimestre de 2016 (corte de 35 mil). Apenas o conjunto do Comércio e serviços contribuiu para o aumento da ocupação, inclusive nos dois períodos comparados: 2,9% ante o trimestre anterior e 0,9% contra o segundo trimestre de 2016 (acréscimos de 23 mil e de sete mil empregados, respectivamente). Nos demais setores, as variações em relação ao segundo trimestre de 2016 são mais negativas do que em comparação com o primeiro trimestre. O conjunto da Indústria perdeu o maior contingente, resultando variações em de -6,0% ante o período anterior e -11,3% em relação ao segundo trimestre de 2016 (-14 mil e -30 mil, respectivamente); os declínios na

Cenário Nacional

Construção corresponderam a -9,6% e -15,3%, respectivamente (-8 mil e -17 mil) e na Indústria geral a -3,1% e -8,0% (-4 mil e -11 mil); a Agropecuária registrou declínios de -10 mil e -15 mil (-6,8% e 13,5%), na ordem.

O rendimento médio real habitual do potiguar, obtido com todos os trabalhos, atingiu a média de R\$ 1.591,00 no segundo trimestre de 2017, correspondente a 0,76 da média nacional, equivalente a R\$ 2.104,00. Em relação ao primeiro trimestre, a renda estadual variou -4,5%, mas cresceu 0,5% ante o mesmo trimestre de 2016. Natal seguiu a mesma tendência do estado, no sentido de que a renda caiu em relação ao trimestre janeiro-março (-5,8%) e aumentou em relação a abril-junho de 2016 (3,2%), inclusive proporcionalmente acima da média estadual, apesar da maior taxa de desocupação no período. Essa recomposição da renda é explicada pela queda da inflação. Todavia, na RMN não foi observado crescimento, uma vez que a renda real caiu nos dois períodos, ou seja, -5,2% em relação ao primeiro trimestre e -2,2% ante o segundo trimestre de 2016.

Indicadores de Ocupação com Carteira e sem Carteira

Período: Abr-mai-jun 2017

Rio Grande do Norte

	Estimativas dos Trimestres			Variações	
	Abr-mai-jun/2016	Jan-fev-mar/2017	Abr-mai-jun/2017	Em relação ao trimestre anterior	Em relação ao mesmo trimestre do ano anterior

Taxa de Desocupação

Rio Grande do Norte	13,5%	16,3%	15,6%	-0,7 pp	2,1 pp
RM de Natal	14,8%	16,0%	15,8%	-0,2 pp	1,0 pp
Natal	13,7%	15,6%	17,3%	1,7 pp	3,6 pp

Número de Desocupados (em 1.000)

Rio Grande do Norte	206	250	239	-4,4%	16,0%
RM de Natal	110	122	120	-1,6%	9,1%
Natal	60	69	78	13,0%	30,0%

Número de Ocupados (em 1.000)

Rio Grande do Norte	1.325	1.281	1.290	0,7%	-2,9%
RM de Natal	632	641	638	-0,5%	0,9%
Natal	378	373	370	-0,8%	-2,1%

→ +9 mil

Número de Ocupados na Indústria – Rio Grande do Norte (em 1.000)

Indústria Geral	137	130	126	-3,1%	-8,0%
Construção	111	104	94	-9,6%	-15,3%

Indicadores de Ocupação com Carteira e sem Carteira

Período: abr-mai-jun 2017

Rio Grande do Norte

	Estimativas dos Trimestres			Variações	
	Abr-mai-jun/ 2016	Jan-fev-mar/ 2016	Abr-mai-jun/ 2017	Em relação ao trimestre anterior	Em relação ao mesmo trimestre do ano anterior

Número de Ocupados – demais atividades – Rio Grande do Norte (em 1.000)

Agropecuária	111	103	96	-6,8%	-13,5%
Comércio e Serviços	816	800	823	2,9%	0,9%

+23 mil e +7 mil

Rendimento Médio Real Habitual (em R\$)

Rio Grande do Norte	1.583	1.666	1.591	-4,5%	0,5%
RM de Natal	2.012	2.075	1.967	-5,2%	-2,2%
Natal	2.182	2.390	2.252	-5,8%	3,2%

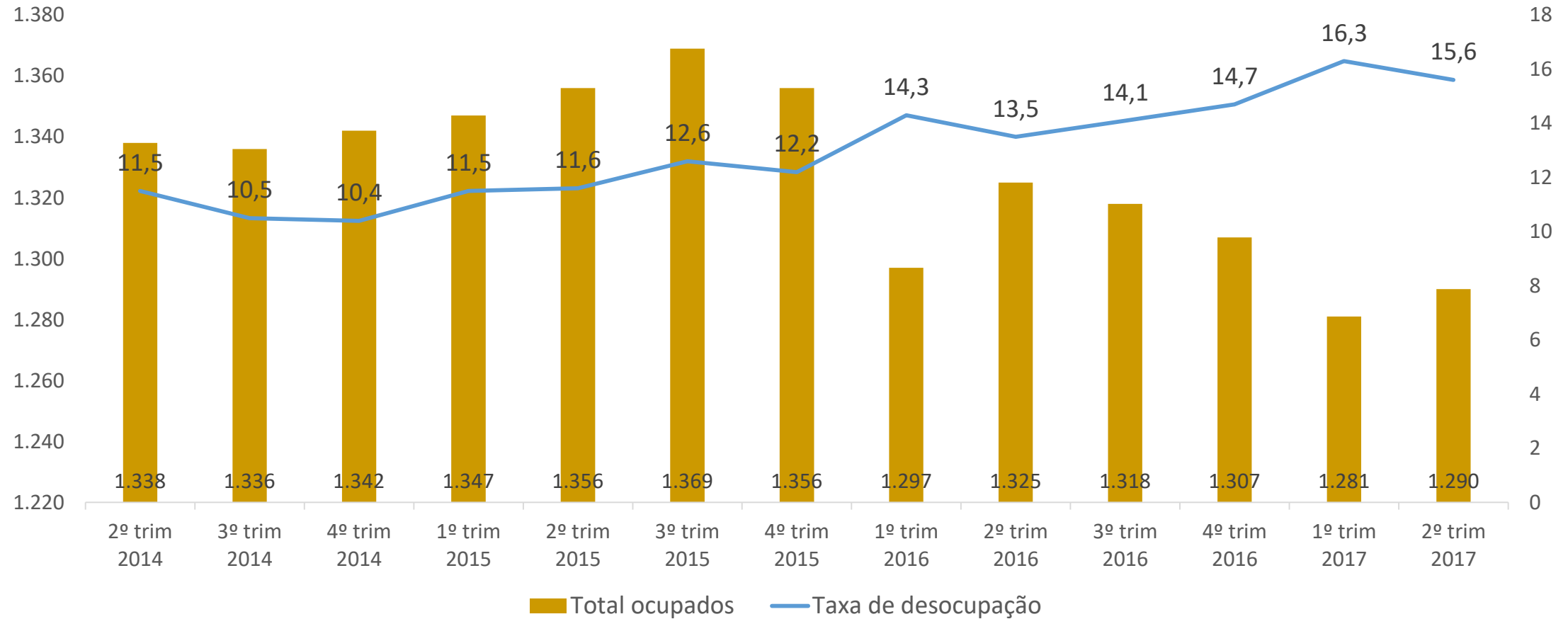
Fonte: IBGE – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua – PNAD Contínua. Tabela-resumo 1.1 (4, 5, 15,16, 27,); tabela-resumo 1.2 (10 e 11); tabela-resumo 1.3 (10 e 11); tabela-resumo 2.1 (17), tabela-resumo 2.2 (7), tabelas-resumo 2.3 (11) e Sidra.

Rio Grande do Norte

Evolução do número de ocupados e da taxa de desocupação das pessoas de 14 anos ou mais de idade
2º Trim de 2014 a 2º Trim de 2017

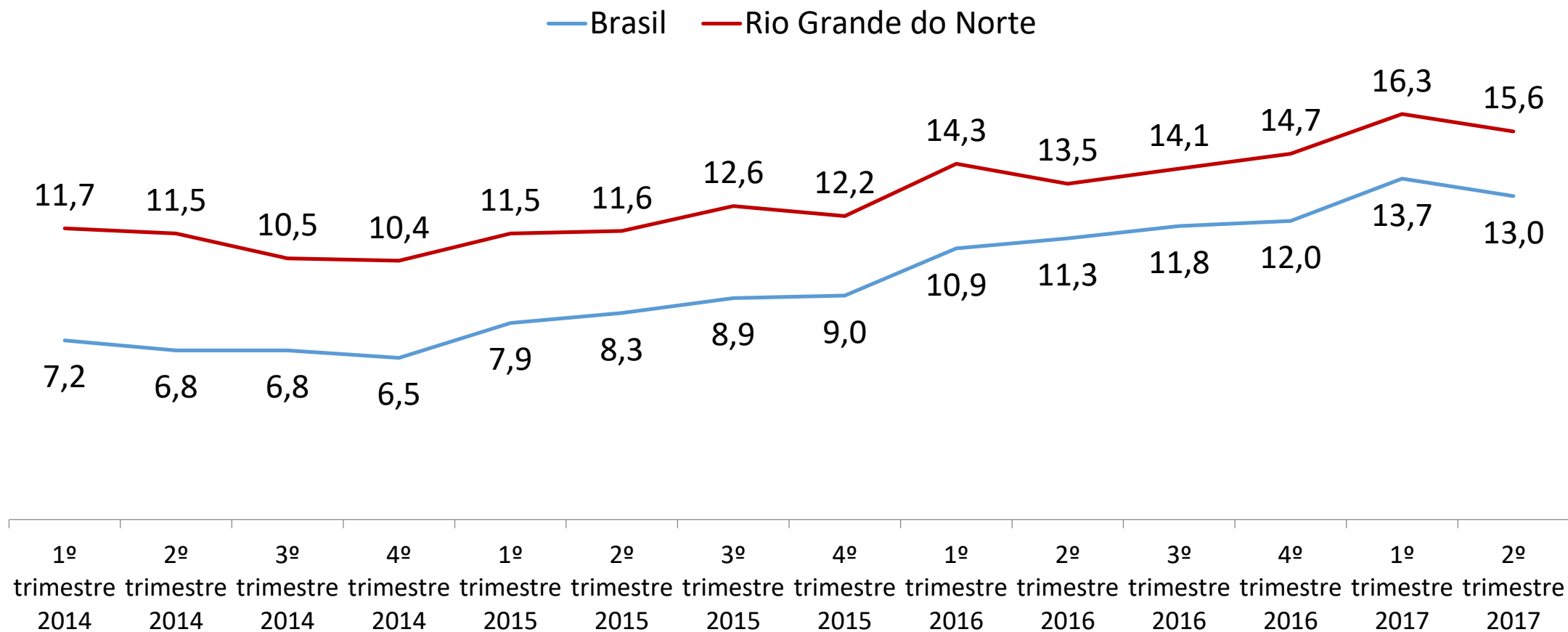
Em 1.000

Em %



Total de desocupados → 239 mil

Taxas de desocupação das pessoas de 14 anos ou mais de idade – Brasil e Rio Grande do Norte



RN - Emprego e Desemprego

O mercado de trabalho do Rio Grande do Norte registrou saldo positivo no emprego com carteira assinada em junho, após oito meses seguidos com balanço negativo, segundo dados do CAGED/MTE. Do balanço entre admissões e desligamentos, resultaram 453 vagas criadas no mês, fazendo o contingente de empregados crescer 0,11%.

É importante ressaltar que em junho de 2016 o saldo total do emprego com carteira no estado foi negativo em -1.163 vagas. Em termos setoriais, apenas a indústria apresentou saldo negativo, puxado pela construção (-505 vagas), seguida dos serviços industriais de utilidade pública (-72) e da extração mineral (-36 vagas). Em contrapartida, a indústria de transformação admitiu mais do que dispensou, proporcionando um saldo de 191 vagas criadas.

- **Saldo total negativo no mês** → 453 (+0,11%)

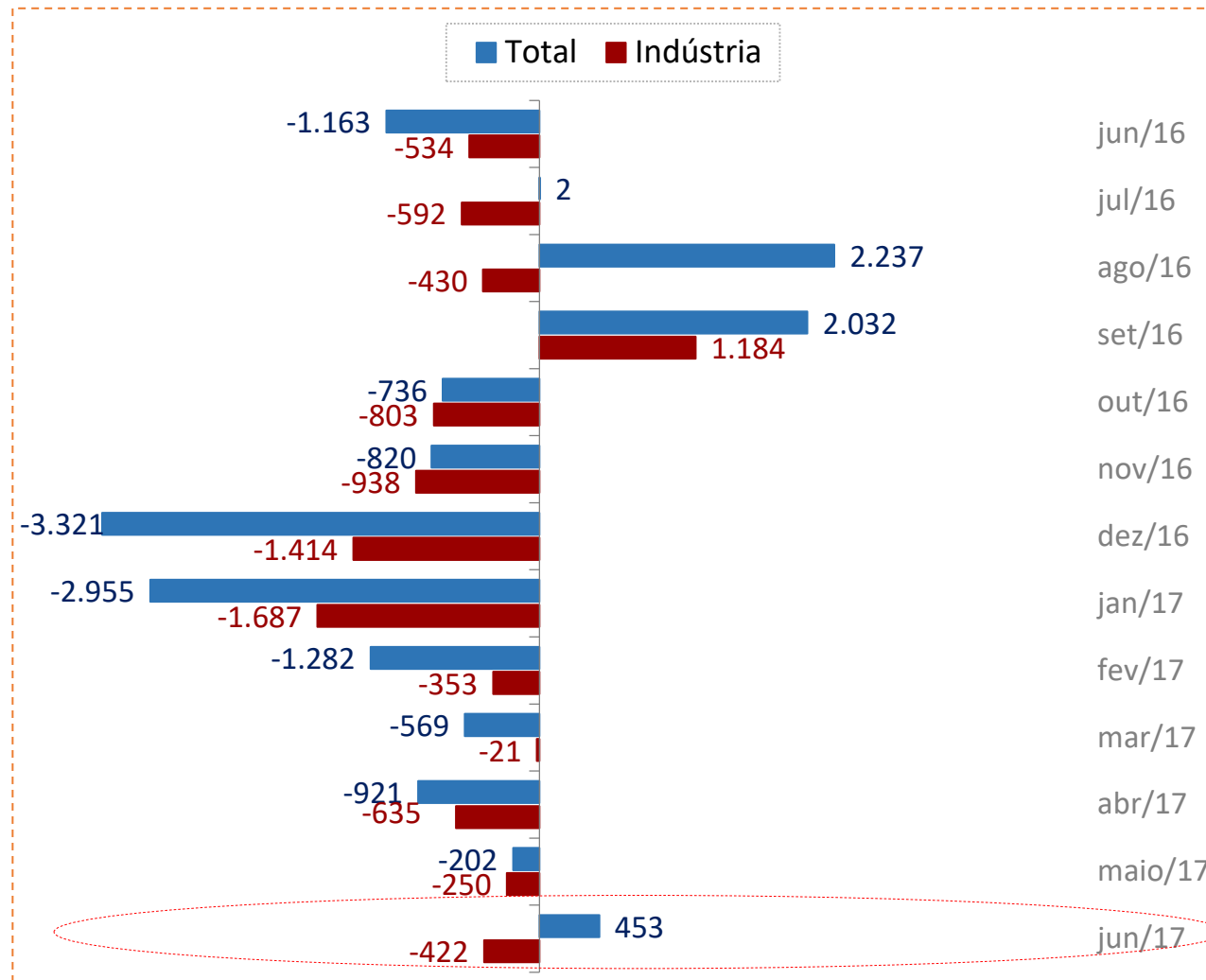
- Agropecuária → +709 (+5,07%)

- Comércio → +92 (+0,08%)

- Serviços → +74 (+0,06%)

- Indústria → -422 (-0,42%)

RN - Saldos do emprego com carteira assinada (admissões menos desligamentos) - 2016 - 2017



FONTE: MTE/CAGED, julho de 2017. Elaboração FIERN

RN – Saldos de vagas com carteira assinada Destaques industriais - mês de junho 2017

Saldo industrial no mês → -422 vagas

Principais Contribuições Positivas		Principais Contribuições Negativas	
Cadeia de Têxteis e Confecção (+378)	confecção de peças do vestuário e Manufatura de acessórios do vestuário	Construção civil (-505)	Edificações
Químico, Farmacêutico e Veterinário (+81)	Fabricação de álcool e de Produtos de limpeza e polimento	Fabricação de produtos de minerais não-metálicos (-311)	Estruturas pré-moldadas de cimento armado (para a indústria eólica)
Alimentos e Bebidas (+81)	Beneficiamento de pescados e Fabricação de rações para animais	Serviços Industriais de Utilidade Pública – SIUPs (-72)	Coleta de resíduos sólidos

FONTE: MTE/CAGED, junho de 2017. Elaboração FIERN

**Rio Grande do Norte - Balanço do Emprego Formal na Indústria e Demais Setores
- Até junho de 2017 -**

Setores e Subsetores	Ocupados em dezembro de 2016	Saldo jan-junho de 2017	Ocupados em junho de 2017
Extrativa mineral	9.437	-568	8.869
Indústria de Transformação	60.283	-1.984	58.299
Produtos minerais não-metálicos	6.319	21	6.340
Metalúrgica	1.373	-6	1.367
Mecânica	1.083	35	1.118
Material elétrico e de comunicações	328	31	359
Material de transporte	299	0	299
Madeira e mobiliário	2.092	-25	2.067
Papel, papelão, editorial e gráfica	1.696	-132	1.564
Borracha, fumo, couros, peles e ind. diversas	1.220	-52	1.168
Química de prod. Farm., vet., e perf.	5.769	-1.409	4.360
Têxtil e Confecções	21.832	-49	21.783
Calçados	564	-22	542
Alimentos, bebidas e álcool	17.708	-376	17.332
Serv. Industriais de Utilidade Pública	6.619	-91	6.528
Construção civil	27.988	-578	27.410
TOTAL INDÚSTRIA	104.327	-3.221	101.106
COMÉRCIO	115.625	-1.250	114.375
SERVIÇOS	355.211	2.538	357.749
AGROPECUÁRIA	17.417	-2.871	14.546
TODOS OS SETORES	592.580	-4.804	587.776

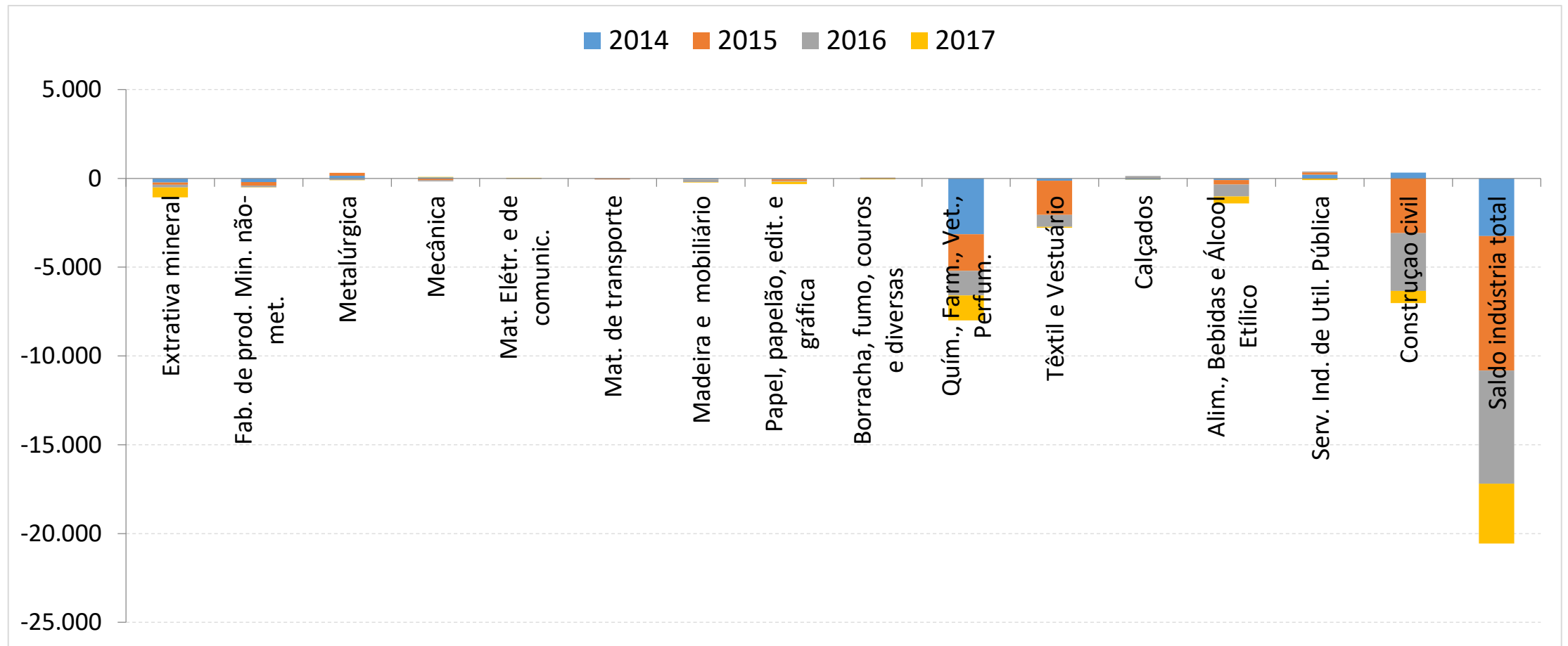
FONTE: MTE: RAIS - 2015 e saldos CAGED de 2016 e de jan-junho de 2017. Elaboração FIERN

RN - Saldos do emprego com carteira na indústria janeiro-junho de 2014 a 2017

Indústria	Ano			
	2014	2015	2016	2017
Extrativa mineral	-226	-127	-155	-560
Fab. de prod. Min. não-met.	-203	-202	-91	-2
Metalúrgica	148	171	-89	-7
Mecânica	54	-103	-59	32
Mat. Elétr. e de comunic.	-7	-10	-2	31
Mat. de transporte	-7	-47	-12	0
Madeira e mobiliário	-54	-9	-140	-25
Papel, papelão, edit. e gráfica	-52	-102	-37	-133
Borracha, fumo, couros e diversas	-9	33	19	-48
Quím., Farm., Vet., Perfum.	-3.147	-2.062	-1.376	-1.417
Têxtil e Vestuário	-136	-1.922	-668	-46
Calçados	-61	20	113	-22
Alim., Bebidas e Álcool Etílico	-96	-246	-673	-395
Serv. Ind. de Util. Pública	216	119	54	-96
Construção civil	329	-3.078	-3.263	-680
Saldo total	-3.251	-7.565	-6.379	-3.368

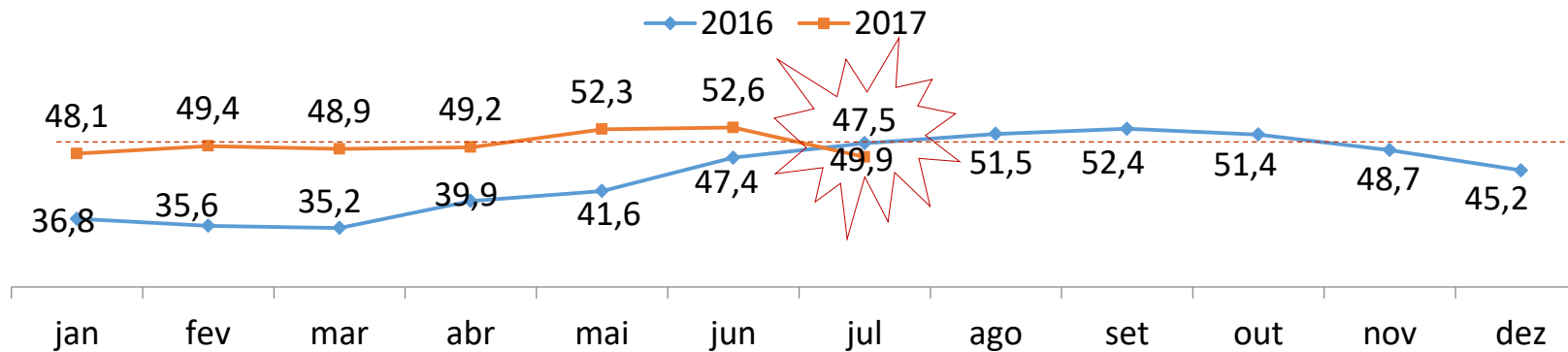
FONTE: MTE/CAGED, Saldos janeiro-junho de 2014 a 2017. Elaboração FIERN

RN - Saldos do emprego com carteira na indústria janeiro-junho de 2014 a 2017



FONTE: MTE/CAGED, Saldos janeiro-junho de 2014 a 2017. Elaboração FIERN

RN - Índice de Confiança do Empresário Industrial ICEI* - julho 2017



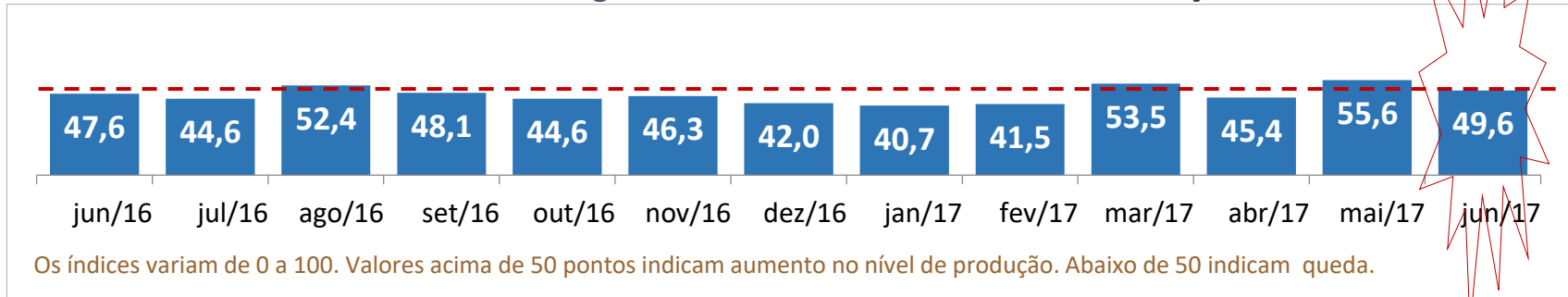
* Os índices variam de 0 a 100 pontos. Valores acima de 50 indicam empresários confiantes. Abaixo de 50 indicam falta de confiança.

Confiança do empresário industrial potiguar volta a cair após dois meses de crescimento

- ✓ O Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) do Rio Grande do Norte passou de 52,6 para 47,5 pontos na passagem de junho para julho, mostrando falta de confiança dos executivos da indústria potiguar, após dois meses de avaliação positiva (valores abaixo de 50 pontos indicam falta de confiança). Na percepção dos empresários potiguares, as condições atuais da economia brasileira, da economia do RN e da própria empresa, que já não transmitiam confiança, pioraram em comparação com os últimos seis meses. As expectativas para os próximos seis meses, por sua vez, que eram otimistas no levantamento anterior, tornaram-se neutras. Todos os setores industriais (indústria da construção e indústrias extrativa e de transformação) e portes de empresas pesquisados (pequenas e médias e grandes indústrias) apontaram falta de confiança.
- ✓ Enquanto o empresário industrial do Rio Grande do Norte mostrou efetiva falta de confiança (ICEI abaixo de 50 pontos), o resultado nacional, recuou até a margem do nível de confiança, para 50,6 pontos.

Evolução do Nível de Produção – Junho de 2017

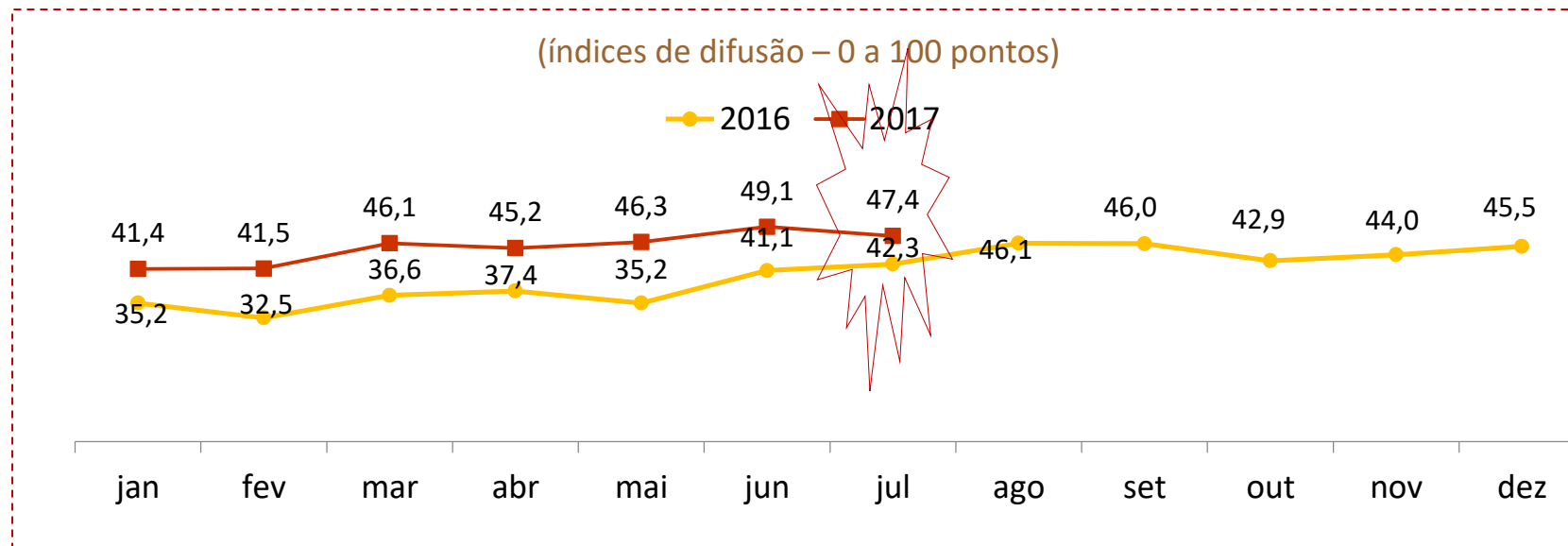
RN - Sondagem Indústrias Extrativas e de Transformação



Atividade industrial volta a cair em junho

- ✓ A Sondagem das indústrias Extrativas e de Transformação do Rio Grande do Norte, elaborada pela FIERN, mostra que a reação positiva no nível de produção industrial registrada em maio não se manteve em junho. Este comportamento foi puxado pelas pequenas empresas, que voltaram a assinalar contração, enquanto as médias e grandes sustentaram o crescimento, embora com menor intensidade. O recuo, no entanto foi moderado, e não há indicativo de reversão da tendência reativa observada nos três meses anteriores. O emprego do conjunto do setor, por sua vez, registrou leve aumento. A utilização média da capacidade instalada da indústria (UCI) permaneceu estável em 68%, o mesmo percentual registrado em junho de 2016. Ainda assim, a UCI foi considerada pelos empresários consultados como abaixo do padrão usual para o período, comportamento que vem sendo observado desde setembro de 2011. Além disso, os estoques de produtos finais recuaram em relação ao mês anterior e ficaram abaixo do nível planejado pelo conjunto da indústria. A intenção de investimentos voltou a cair em relação a maio, mas ainda é a segunda menor taxa dos últimos 19 meses.
- ✓ Quando comparados os dois portes de empresa pesquisados, observa-se, que, além da produção industrial, outros aspectos foram favoráveis às médias e grandes indústrias em detrimento das empresas com menos de 50 empregados. Ou seja, moderado aumento no número de empregados, aumento da UCI, expectativas positivas em relação aos próximos seis meses no que diz respeito ao desempenho das exportações, da contratação de empregados e das compras de matérias-primas.
- ✓ O principal problema do trimestre, na opinião dos empresários potiguaros, continuou sendo a elevada carga tributária, embora as assinalações tenham caído relativamente ao primeiro trimestre de 2017; seguida pela competição desleal, pela inadimplência dos clientes e pelas altas taxas de juros. Registre-se, ainda, o significativo aumento de citações dos problemas relacionadas à logística de transporte.
- ✓ Comparando-se os indicadores mensais e trimestrais avaliados pela nossa Sondagem Industrial com os resultados divulgados em 26/07 pela CNI para o conjunto do Brasil, observa-se que, de um modo geral, as avaliações convergiram.

Intenção de Investimento nas Indústrias Extrativas e de Transformação nos próximos seis meses - **Julho de 2017**

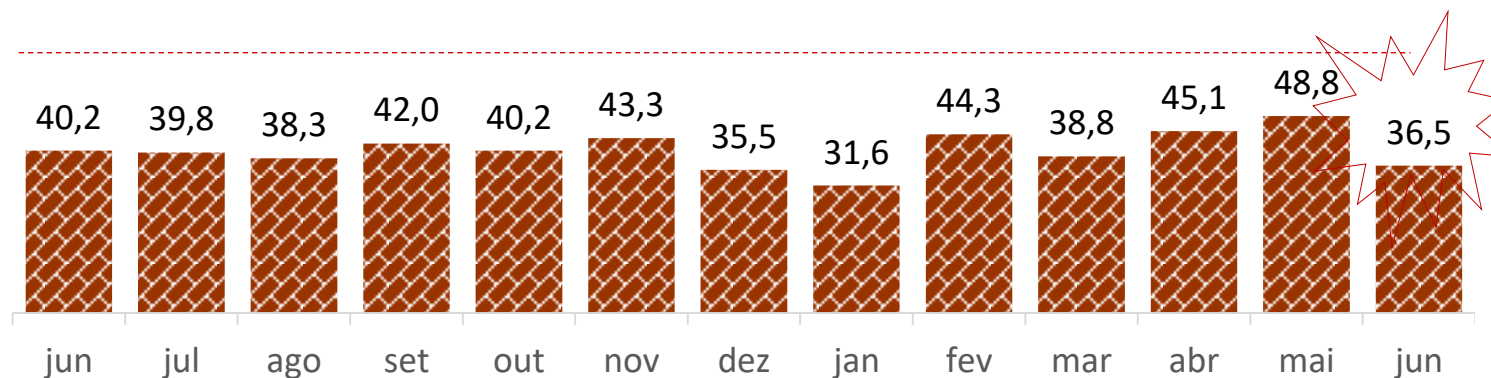


Fonte: FIERN/CNI – Sondagem Industrial - Unidade de Economia e Estatística

O índice varia de 0 a 100 pontos. Quanto maior o índice, maior a propensão da indústria a investir

RN - Sondagem Indústria da Construção

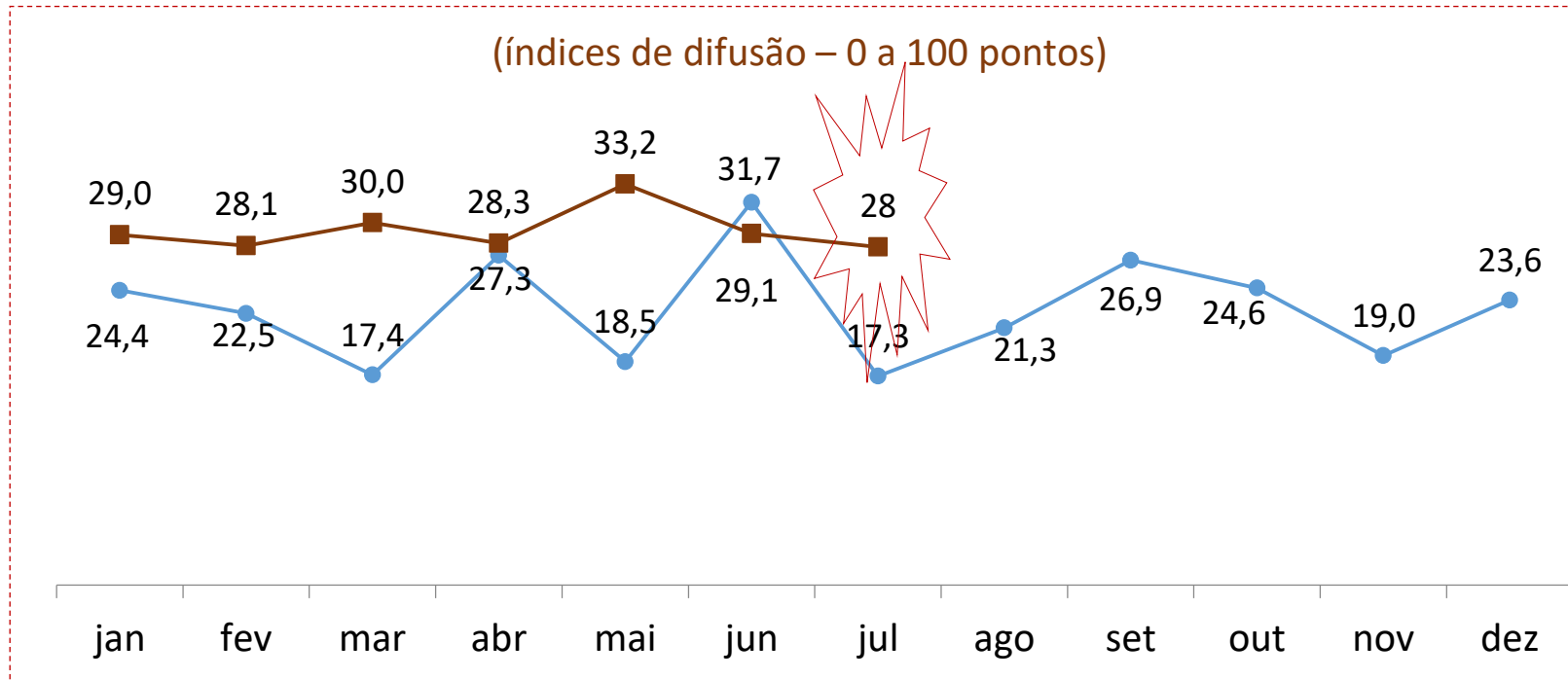
Evolução do Nível de Atividade – junho de 2017



Atividade da construção acentua contração em junho

- ✓ A Sondagem Indústria da Construção registrou queda mais intensa da atividade no Rio Grande do Norte em junho e ficou abaixo do padrão usual para o período, tendência que se repete ininterruptamente desde fevereiro de 2013. A sondagem aponta que, neste aspecto, a situação do setor está pior do que em junho de 2016. Em virtude do menor dinamismo da atividade, o número de empregados também recuou, mantendo a tendência que vem sendo observada desde outubro de 2013. O nível médio de Utilização da Capacidade de Operação (UCO), por sua vez, subiu de 41% para 42%, mas atingiu o valor mais baixo para meses de junho de toda a série histórica iniciada em janeiro de 2012.
- ✓ Os dois principais problemas do trimestre, na opinião dos empresários potiguares, foram a inadimplência dos clientes e a falta de capital de giro, que cresceram em assinalações em relação ao levantamento anterior, deixando a elevada carga tributária (que liderava as citações) em terceira posição. Outras assinalações de destaque foram as altas taxas de juros e a demanda interna insuficiente.
- ✓ Comparando-se os indicadores mensais e trimestrais avaliados pela Sondagem Indústria da Construção potiguar com os resultados divulgados dia 27/07 pela CNI para o conjunto do Brasil, observa-se que, de um modo geral, as avaliações convergiram.

Intenção de Investimento na Indústria da Construção nos próximos seis meses - **Julho de 2017**



Fonte: FIERN/CNI – Sondagem Indústria da Construção - Unidade de Economia e Estatística

O índice varia de 0 a 100 pontos. Quanto maior o índice, maior a propensão da indústria a investir

Principais Problemas da Indústria Potiguar *

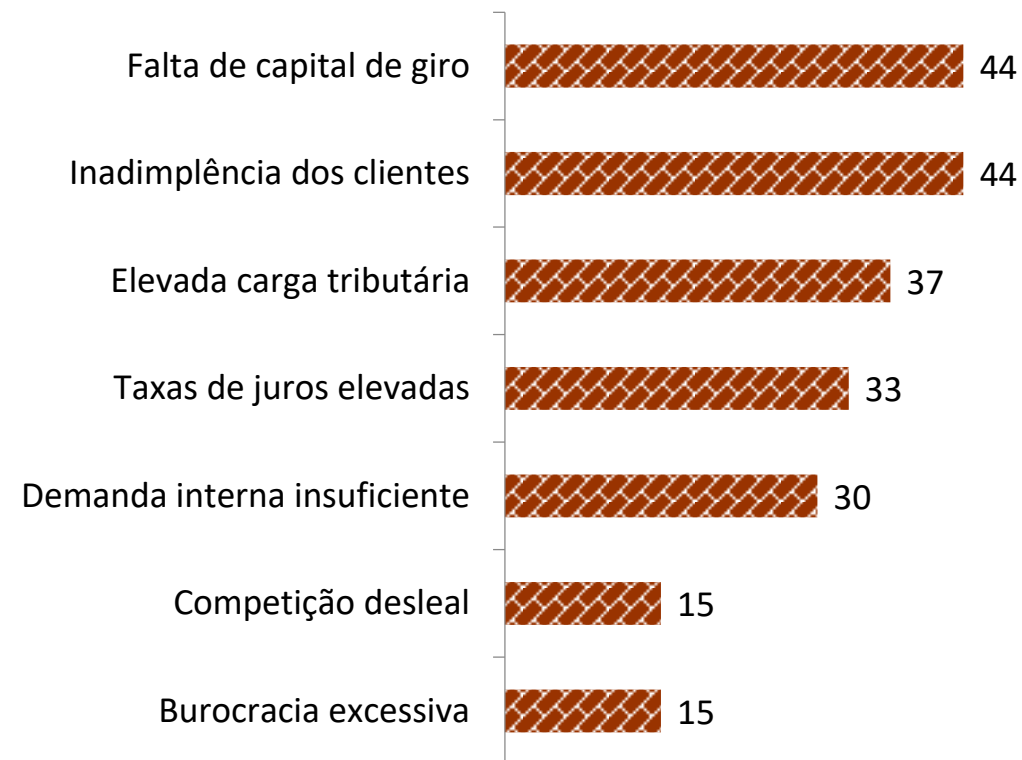
Trimestre abril - junho - 2017

Extrativas e de Transformação



Fonte: FIERN – Sondagem Industrial – junho
*Mais de uma questão podia ser assinalada

Indústria da Construção



Fonte: FIERN – Sondagem Indústria da Construção – junho
*Mais de uma questão podia ser assinalada

RN - Comércio Exterior

Exportações caem pelo quinto mês seguido

No mês de junho, as exportações do Rio Grande do Norte totalizaram US\$ 13,279 milhões e as importações US\$ 16,302 milhões, resultando em um déficit comercial de US\$ -3,023 milhões. Em relação a maio, as vendas recuaram 3,1% e as compras caíram 38,2%. Dessa maneira, entre maio e junho o déficit da balança comercial recuou 76,2%. A soma dos valores exportados com os importados gerou uma corrente de comércio de US\$ 29,581 milhões, que recuou 26,3% ante o mês anterior. (Gráfico no slide seguinte). Os produtos mais exportados em junho foram tecidos de algodão, granitos, sal marinho e castanhas de caju.

No período janeiro-junho, as exportações somaram US\$ 130,960 milhões e aumentaram 15,0% ante o mesmo período de 2016, enquanto as importações totalizaram US\$ 96,967 milhões e aumentaram 7,5%.

A pauta exportadora acumulada no período continuou dominada pelas frutas (50,0%), com destaque para melões (29,9%) e castanhas (8,5%); e produtos minerais (14,3%), principalmente o sal marinho (9,9%). Em termos de crescimento da receita, comparado ao primeiro semestre de 2016, merece destacar o desempenho das vendas de cocos frescos (723,5%), melancias (270,9%) e melões (187,5%).

Nos desembarques, as maiores participações ficaram a cargo dos insumos e matérias-primas destinados à indústria, como trigo e farinha de trigo (22,5%); máquinas, aparelhos e materiais elétricos (21,4%); algodão (10,3%) e caldeiras (9,8%). Quanto ao crescimento das aquisições do período, os principais destaques foram registrados pelas castanhas de caju (1.508%); algodão, incluindo fios e produtos têxteis (256,8%) e das máquinas, aparelhos e materiais elétricos (133,0%).

O saldo da balança comercial do período janeiro-junho resultou superavitário em US\$ 33,993 milhões, enquanto na mesma base de 2016 havia sido de US\$ 23,602 milhões. A corrente de comércio atingiu US\$ 227,927 milhões, com avanço de 11,7% em comparação com o resultado do primeiro semestre de 2016. (Quadro no final da seção).

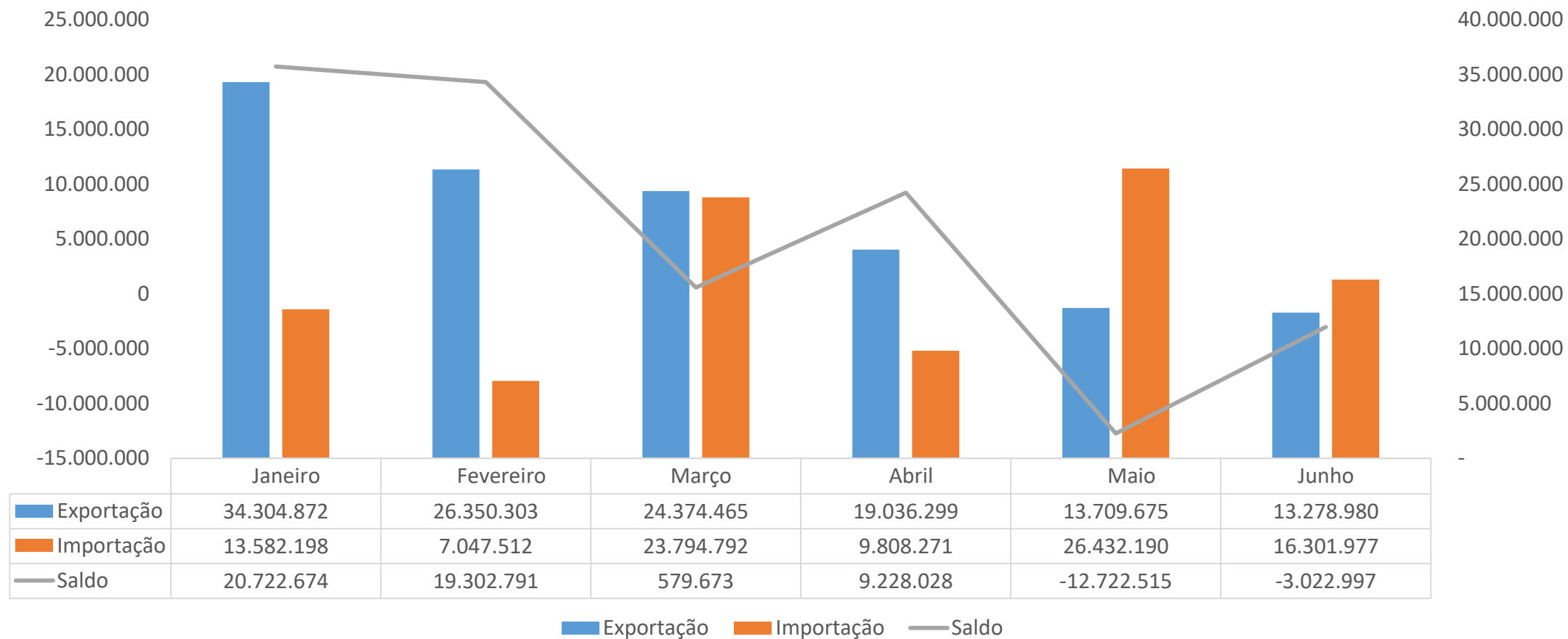
Balança comercial do Rio Grande do Norte Janeiro a Junho de 2017 (US\$ FOB)

BALANÇO JANEIRO-JUNHO

Exportações: US\$ 130,960 milhões

Importações: US\$ 96,967 milhões

Saldo: US\$ 33,993 milhões



Comércio Exterior – Rio Grande do Norte

Janeiro - Junho de 2017

Exportações : 15,0% ↑ (US\$ 130,960 milhões)

Destaque em participação:

→ Frutas (50,0%): Melões (29,9%) e Castanhas de caju (8,5%); e Minerais (14,3%): Sal Marinho (9,9%).

Destaques em crescimento: ↑

Cocos frescos (723,5), Melancias (270,9%) e Melões (187,5%).

Importações: 7,5% ↑ (US\$ 96,967 milhões)

Destaque em participação:

Insumos e matérias-primas industriais: Trigo e farinha de trigo (22,5%), Máq. aparelhos e materiais elétricos (21,4%), Algodão (10,3%) e Caldeiras (9,8%) .

Destaques em crescimento: ↑

→ Castanhas de caju (1.508%); Algodão, incluindo fios e têxteis (256,8%) e Máquinas, aparelhos e materiais elétricos (133,0%).

Saldo Comercial: janeiro-junho

→ US\$ FOB 33,993 milhões

Links Consultados

Brasil - IBGE

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/industria/2015/pimpfbr/default.shtm>

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/comercio/pmc/default.shtm>

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/servicos/pms/default.shtm>

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pnad_continua_mensal/default.shtm

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/pib/defaultcnt.shtm>

Inflação - IBGE

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/precos/inpc_ipca/defaultinpc.shtm

Banco Central

<http://www.bcb.gov.br/?INDECO>

<http://www.bcb.gov.br/?FOCUSRELMERC>

<http://www.bcb.gov.br/?RI>

<http://www.bcb.gov.br/?ecoimprensa>

Banco Santander

<https://www.santander.com.br/br/o-santander/analise-economica/outros-relatorios>

Comércio Exterior - MDIC

<http://aliceweb.mdic.gov.br/>

<http://www.mdic.gov.br//silio/interna/index.php?area=5>

<http://www.brasilglobalnet.gov.br/>

CNI

<http://www.portaldaindustria.com.br/estatisticas/indicadores-industriais/>

<http://www.portaldaindustria.com.br/estatisticas/sondagem-industrial/>

<http://www.portaldaindustria.com.br/estatisticas/sondagem-industria-da-construcao/>

<http://www.portaldaindustria.com.br/estatisticas/icei-indice-de-confianca-do-empresario-industrial/>

<http://www.portaldaindustria.com.br/estatisticas/investimentos-na-industria/>

Emprego com carteira - MTE

<http://bi.mte.gov.br/eec/pages/consultas/evolucaoEmprego/consultaEvolucaoEmprego.xhtml#relatorioSetor>

<http://bi.mte.gov.br/bgcaged/login.php>

IEDI

<http://www.iedi.org.br/cartas>

IPEA

<http://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/>

Jornal Valor Econômico

<http://www.valor.com.br/>

Fundação Getúlio Vargas

<http://portalibre.fgv.br/main>

Elaboração

Sandra Lúcia Barbosa Cavalcanti
Unidade de Economia e Estatística
sandra@fiern.org.br
(84) 3204 6291